

maravilhosa de aproveitar os conteúdos culturais e os interesses que essas pessoas possuem como base na qual deve partir para o trabalho cotidiano nas salas de aula”. Dessa maneira, o pedagogo então se depara na fronteira o multiculturalismo. “Dinâmica que se refaz com e através dos fluxos globalizantes, modificando e reconstruindo as interações e colocando como desafio a conciliação de uma diversidade de costumes, concepções e valores, sem o perigo de se excluir as formas diferentes de se manifestar” (SILVA, 2003, p. 165).

Foi por todas as questões explicitadas acima que surgiram às indagações desse TCC, sobre a temática “*pedagogo/a e alfabetização: crianças multiculturais da região de fronteira*”. Indagações que foram provocadas durante todos os estudos realizados, nas disciplinas do curso de pedagogia e aglutinados numa disciplina denominada PPI – Projeto de Pesquisa Interdisciplinar. Sendo que no primeiro semestre essas questões foram aparecendo por meio da descoberta de “si mesma”, ou melhor, de minhas raízes e origens culturais para compreender qual o papel do pedagogo. E, no segundo, as pesquisas foram para descobrir sobre as primeiras escolas na região de fronteira, e como era o aprendizado da época; bem como a história dessa região com sua diversidade cultural e étnica nos estudos entendida como multiculturalidade; no terceiro semestre buscou desvendar como o/a professor/a trabalha também a questão do multiculturalismo dentro da sala de aula. No quarto semestre foi que buscamos conceituar o que é multiculturalidade, articulando os conceitos e significados e a teoria da pedagogia de crianças da região de fronteira.

No quinto semestre, tendo que escolher e pesquisar sobre um tema para o TCC surgiu então, a pergunta condutora “como deve ser atitude do pedagogo para alfabetizar crianças multiculturais da região de fronteira?”. Sendo que para responder essa questão temos o objetivo de descrever como deve ser a atitude do pedagogo para alfabetizar crianças multiculturais na região de fronteira. Além disso, tem como objetivos específicos ainda buscar um método de alfabetização que possa auxiliar na alfabetização multicultural.

A metodologia da pesquisa perpassou os estudos de Lüdke e André (1986), pois, adotamos uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, por isso recorremos às observações e aos questionários abertos com alunos, e professores. A pesquisa teve como locus uma escola particular em Ponta Porã com 140 alunos matriculados, que atende crianças do maternal ao quinto ano do ensino fundamental, provenientes de diversas culturas e etnias presentes na região de fronteira que podem ser observadas ou identificadas no pátio, nas brincadeiras e nas salas de aula.

Nessa seção apresentamos o conceito Cultura, atitude, atitude interdisciplinar, e também de pedagogo para poder descrever como lidar o educador/a pode lidar com as crianças multiculturais.

Na terceira seção apresentamos conceitos de alfabetização, e letramento, e os métodos que podem ser utilizados pelos/as pedagogos/as multiculturais no processo de alfabetização e letramento numa região fronteiriça.

Na quarta seção expomos a pesquisa de Campo, iniciamos a sessão com uma descrição da fronteira, da cidade de Ponta Porã e também sobre a escola, escola da rede privada de ensino, com 140 alunos do maternal ao 5º ano do ensino fundamental, com um estudo de caso na Escola Nova Época, no 2º ano, onde realizamos observações com um roteiro pré-estabelecido, depois conversamos com 05 alunos e entrevistamos 05 professores, e, finalmente, as interpretações e compreensão dos dados construídos.

2. ATITUDE INTERDISCIPLINAR E ALFABETIZAÇÃO: uma questão cultural para o pedagogo/a...

Nessa seção apresentamos o conceito Cultura, atitude, atitude interdisciplinar, e também de pedagogo para poder descrever como lidar o educador/a pode lidar com as crianças multiculturais.

2.1 CULTURA E MULTICULTURALISMO: relações importantes para a atitude pedagógica...

A cultura brasileira é uma das mais ricas do mundo, pois somos um povo hospitaleiro, alegre e com um coração generoso. Além de morarmos em um clima tropical onde sabores e cores nos rodeiam o ano todo. Em consequência de nossa hospitalidade somos multiculturais, levamos no sangue, na raça, uma linda mistura latina, assim “A cultura diz respeito à humanidade como num todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos e nações, sociedade e grupos humanos” (SANTOS, 2008, p.08), a cultura é a mesma, a mistura e todos e também a individualidade de cada um.

Enquanto fronteira Brasil/Paraguai, as nossas culturas se misturam de tal forma que se torna difícil falar de uma sem mencionar a outra, por isso “É importante considerar a diversidade cultural interna à nossa sociedade, isso é de fato essencial para compreendermos melhor o país em que vivemos”. (SANTOS, 2008, p.19). É de suma importância conhecer a nossa cultura local para que possamos compreender onde vivemos.

Vivendo em uma fronteira entre dois países em que somente uma rua os divide, essa rua que ao mesmo tempo os unem, tornando assim irmãos. Também há o preconceito, sendo assim “O estudo da cultura contribui no combate ao preconceito, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas” (SANTOS, 2008, p.8). Infelizmente a cultura fronteira também está repleta de preconceito, principalmente se tratando de filhos paraguaios que vem até o Brasil estudar.

Crianças estas que muitas vezes não são bem recebidas por se tratarem de casos em que, além de não conhecerem a leitura e a escrita, a comunicação se torna difícil, sendo eles

deixados de lado pelos professores, por falta de conhecimento do idioma. Conforme Santos (2008) devemos conhecer a nossa cultura local, pois é a base para que possamos compreender a nossa sociedade. Pois, de acordo com Fleuri (2003) a Cultura é plural.

A palavra cultura segundo Machado (2002) surgiu na Grécia antiga, e está ligada à formação individual de cada pessoa, de maneira individual, e ficou denominada a Paidéia.

Para Locke apud Machado (2002, p. 19) cultura é toda a: “Experiência, que resulta da observação dos dados sensoriais. Todo nosso conhecimento. Decorre da experiência [...] toda a realidade deve reduzir-se às relações com que se unem entre si as impressões e as ideias”.

Sendo assim para Locke, apud Machado (2002) a cultura é o resultado de tudo aquilo que ocorre ao nosso redor, a nossa volta. Mas David Hume apud Machado (2002) acreditava que tudo ocorre de maneira natural, espontânea e causalmente.

A cultura não é também um acúmulo de informações ou conhecimento adquiridos ao longo do tempo, mas a seleção de informações feita por ele.

Sendo assim os atos dependem completamente de um longo processo de aprendizagem. O conceito de cultura está relacionado aos pontos:

- 1 - A cultura determina o comportamento do homem [...].
 - 2 - O ser humano age de acordo com os seus padrões culturais [...].
 - 3 - A cultura é um meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos [...].
 - 4 - Ao adquirir cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado [...].
 - 5 - A cultura é um processo acumulativo [...].
- Sendo assim o ser humano faz aquilo que aprendeu com a troca de experiência e conhecimento em um processo de acumulação. (MACHADO, 2002, p. 24).

A cultura é também “[...] tudo aquilo que um determinado grupo social. ”cultura”, isto é, inclui seus valores e suas tradições [...] também diz respeito à cultura dominante dentro de um grupo definido” (MACHADO, 2002, p. 25).

Muitas vezes a cultura, já vem pré-definida por um grupo dominante que é copiado pelos demais. Na maioria das vezes a escola, recebe uma diversidade cultural, por parte de sendo muitas vezes não percebida pelos seus professores ou ignorada mesmo, por estarem distantes da cultura dominante local. Por isso o educador deve

Sempre aproximar o conteúdo a ser transmitidos e a realidade de seus alunos, e não submeter à explicação didática a sua experiência de vida particular ou limitar-se a serem meros repetidores da engrenagem do ensino (MACHADO, 2002, p. 27).

O aluno aprenderá melhor, quando o conteúdo dado pelo professor estiver de acordo a sua realidade de vida, para que assim ocorra uma aprendizagem de qualidade.

A escola possui uma responsabilidade muito grande em relação à futura vida do seu aluno, mas basta ensinar apenas para que eles recebam um diploma, mas é necessário que ele aprenda para viver e vencer perante a sociedade tão seletiva atualmente.

É necessário reconhecer, a cultura para respeitar e aceitar o multiculturalismo presente no nosso dia-dia.

Sendo assim o multiculturalismo:

Inscreve-se nessa perspectiva cultural heterogenia, na qual se questiona a hegemonia do grupo étnico dominante e se reserva lugar à expressão das culturas minoritárias para que finalmente se promova a igualdade real de oportunidade. (MACHADO, 2002, p. 35).

O multiculturalismo muitas vezes não é valorizado, valoriza-se a cultura dominante, deixando algumas culturas à marginalização no esquecimento sem oportunidade de ser conhecida. A sociedade ocidental a cultura local é muito valorizada, onde não é aceitável a existência de cultura inferior ou superior sem comparações e com respeito mutuo.

Com a globalização que existe hoje, informações vindas de formas rápidas, a correria do dia-dia, o consumismo gerado pelo capitalismo, faz com que o conhecimento de várias culturas seja mais acessível, e que estejam presente mundialmente para facilitar a produção das culturais e o acesso a ela.

Por isso o multiculturalismo “[...] pressupõe uma posição aberta e flexível, baseada no respeito dessa diversidade e noção rejeição a todo preconceito ou hierarquia [...] Não tem sentido falar de contradição, mas só de diferenças” (MACHADO, 2002, p.37). Sendo a multiculturalidade um respeito a qualquer tipo de cultura, e alerta do conhecimento e as diferenças que se possa perceber, valorizando assim a diversidade.

E escola tem um papel muito importante não vida de todos, pois é nela que se aprende a viver em uma sociedade e se desenvolve pessoalmente sendo assim a escola é a base vida, Machado (2002) coloca isso como uma educação multicultural.

A escola já foi totalmente tradicional no século XIX, era a continuação da família para a socialização moral e o estilo de vida. Onde escola e família complementavam a outra para que o aluno aprenda.

No século XX, a família foi sendo modificada, mas essa evolução, essa modificação, não chega à escola, que maneira muito significativa:

A sociedade trabalhista exige um profissional renovado, diferente que se imponha, a escola continua na memorização, com os mesmos conteúdos, podendo muitas vezes o raciocínio e o desenvolvimento do educando.

Muitos educadores, de acordo com Machado (2002) se questionam em relação a essa escola atual, onde visa aprender o que? Assim pensam numa “[...] - educação como retenção, - educação como meio de transformação da sociedade - educação como reprodução” (MACHADO, 2002, p. 42).

São essas as tendências filosóficas e políticas da educação para a sociedade que Comênius, o enciclopedista e o pedagogo acreditava, numa educação capaz de renovar a sociedade, se restaurado sempre, ou seja, se renovando sempre como comentou Machado (2002). Na concepção tradicionalista, Machado (2002) diz que o adulto é visto como um homem pronto e já a criança um adulto em miniatura, onde necessita ser formado, pois está apto para aprender e obedecer.

“Onde a escola ofereça as gerações o elemento a ser dominado em um determinado momento, onde fosse garantida a transmissão de aprendizagens e conhecimentos, sem nenhuma interrupção ou crises”.

Segundo Machado (2002, p. 46) “a escola otimizou o sistema produtivo e a sociedade à que ele serve”. Isso demonstra que “[...] a função da escola é essenciais continua a ser a de médias, para as novas gerações, a apropriação da cultura acumulada pela humanidade” (MACHADO, 2002, p. 47). Desse modo pode perceber que “[...] a educação não é capaz de uma transformação, pois se trata de um processo social mais restrito integrante do processo social global”. (MACHADO, 2002, p. 48).

O aprendizado ocorre quando o educando usa aquilo que aprendeu, quando tem a oportunidade de usá-lo, levando-o a aplicar o que aprendeu. Paulo Freire se referiu a isso como uma educação bancária.

O professor deve inovar sempre, sendo criativo, envolvendo seu aluno ao aprendizado e ao domínio do conhecimento. Somente através de uma escola de qualidade é que o futuro

cidadão conseguirá prosperar para um trabalho digno e uma vida mais confortável economicamente.

Mas para que isso ocorra, é necessário de uma qualificação continuada, favorecendo a promoção profissional do ser humano.

Por isso a educação não deve ser apenas uma reprodução, mas principalmente, uma produção um adaptação dos conhecimentos e cultura. [...] oferecer, a todos os estudantes, condições para que possam desenvolver habilidades, atitudes e conhecimentos essencialmente. (MACHADO, 2002, p, 50).

Para Banks, apud Machado (2002), uma educação multicultural ocorre quando a cultura do educando é valorizada por todos. Os estudantes devem conhecer e valorizar a sua própria cultura para logo conhecer culturas novas. Mas, para que isso ocorra na sala é necessário que diminua o preconceito, valorizando o seu aluno dentro de suas diferenças culturais.

O homem segundo Machado (2002) quando nasce suas capacidades ainda não são desenvolvidas como nos animais, ele vai adquirindo com o passar do tempo, num processo de interação e diálogo com os outros, aprendendo e sendo modificando. O mundo globalizado, onde tudo é extremamente rápido, nos tornam competitivos e isso faz com que a educação nos dias atuais, reflita sobre essa competição.

Com isso podemos afirmar que: “[...] a educação libera o homem do desconhecido, coloca-se como “dono da situação”, pois a partir do domínio do conhecimento o sujeito poderá progredir e lutar por sua autonomia” (MACHADO, 2002, p.58).

Quando o homem possui uma educação de qualidade, faz com que ele possua um conhecimento maior sobre os outros fazendo com que ele, muitas vezes domine os demais.

Por isso quanto mais estudos profissionais e continua abre as portas o sucesso, e o para o mundo, onde hoje é tão competitivo.

Para Foucault apud Machado (2002),

o conhecimento produz principalmente poder e dominação. [...] Como afirma Paulo Freire, enquanto educa é educado, em dialogo com o educando que, ao ser educado, em dialogo com o educando que, ao ser educado, também educa. [...] Perante os professores devem aprender junto com seu aluno, havendo uma toca entre ele. Em suma, a educação não apenas reproduz, ela também produz. (MACHADO, 2002, p. 63).

Além de reproduzir e produzir o conhecimento, a internet também congrega as mais diversas fontes de informação, que através dela tornam acessíveis os conhecimentos e este se realiza. (MACHADO, 2002, p. 65)

Mas, para permanecer em certa sociedade existem regras a serem cumpridas, para haver uma harmonia entre os participantes e respeito mutuo. Dessa maneira, a internet é muito importante para possibilitar a comunicação com as pessoas em todas essas redes.

A internet com o passar dos tempos passou a crescer de maneira muito rápida, mas não é todas as pessoas que tem acesso a rede.

Através da internet, o mundo e as notícias estão em nossas casas da maneira rápida, ocorrendo assim o aprendizado digital a distancia. Com isso o profissional da educação devera se aperfeiçoar, sendo culto, bem educado e multifuncional. (MACHADO, 2002, p. 71).

Pois, o computador veio para ficar e esta cada vez mais presente em nossa realidade diária. No inicio do século se acreditava que as maquinas iriam trabalhar para o homem e ele por sua vez teria mais tempo para o lazer. Mas, nos dias atuais a globalização que une as pessoas de maneira rápida, trazendo os fatos instantaneamente em nosso lar, através da comunicação mediática, tem mudado radicalmente o contato do homem com o mundo, trazendo influencias educacionais e culturais a todos os povos.

Isso faz com que todo homem de acordo com a razão, distanciando o contato físico e coletivo a vida em sociedade, convívio entre os demais, sendo: “as relações entre a informação e a educação, assim como entre o processo educativo e a pratica da comunicação, definem um novo enfoque de ensino aprendizagem” (MACHADO, 2002, p. 74).

A globalização e a relação entre a informação e a educação mudaram muito a dinâmica do ensino e da aprendizagem.

Por isso os comunicadores quanto os educadores necessitam refletir a luz da nova realidade social que esta se formando. A tecnologia e as informações contidas nesses meios podem ser usadas em sala de aula para enriquecer os conteúdos que estão sendo utilizados.

No inicio do século XX, era a escola quem transmitia conhecimentos de linguagem e de cultura, no século XXI, isso mudou muito, as tecnologias trazem isso de maneira chamativa, criativa questionando-se assim a escola. “A escola esta perdendo lugar privilegiado na transmissão do tradicionalismo do passado e passou a dividir espaço com os

meios de comunicação, cuja influencia caracteriza-se pela ruptura com o passado” (MACHADO, 2002, p. 76).

Diante disso a tecnologia e a globalização não poderão estar distante das instituições escolares, mas com objetivos bem definidos. Essa globalização esta rompendo barreiras do mundo, estando presente em tudo e em todos os lugares, superando distâncias.

As nossas escolas diante da globalização devem estar abertas para a “1 – Educação para a comunicação [...] 2 – Mediação tecnológica na educação [...] 3 – Gestão comunicativa” (MACHADO, 2002, p.79). Essas intervenções devem fazer com que a escola desperte nos alunos a reflexão crítica, a utilização das tecnologias e os fenômenos culturais (MACHADO, 2002).

Cada vez mais a escola deve pensar em um espaço relacionado às novas tecnologias e a transformação científica, tecnológicas, culturais que geram a competitividade do mundo atual. Sendo assim, o verdadeiro passaporte para a entrada no mundo da consciência da no interior de cada individuo (MACHADO, 2002, p. 80). A cultura pode ser conceituada como um conjunto de conhecimentos, que o ser humano adquire com o passar dos anos com os contatos com o outro.

Tudo aquilo que o homem produz, faz parte de sua cultura, o seu artesanato, artefatos em geral. São costumes, princípios, modos de ser às vezes estabelecidos em leis escritas ou não, tudo isso com o passar dos tempos é considerado cultura.

As informações adquiridas pelos meios de comunicação nos ajudam a superar estereótipos, ou seja, a superar rótulos, opiniões formadas, pois “[...] A informação gerada pelos meios de comunicação fez com que as pessoas se tornassem mais aptas ao conhecimento, isto é, que tivessem maior facilidade de acesso ao saber” (MACHADO, 2002, p.87).

As informações que recebemos dia-dia nos tornam serem mais cultos. Como o homem e quem mudam a sociedade em que vive é “também um ser histórico, capaz de compreender o passado e projetar o futuro, saber aliar tradição e mudança, continuidade e ruptura, interdição e transgressão é um desafio continuo da sociedade” (MACHADO, 2002, p, 91).

O homem deve conhecer o seu passado valorizando suas origens para assim planejar e fazer o seu futuro. Pois, é ele quem transforma a natureza fazendo-se diferente dos animais onde ele quem cria para seu bem estar e comodidade.

O fator mais importante é a comunicação de toda cultura, para o seu desenvolvimento, pois e a: “Linguagem que proporciona o autoconhecimento e que permite a percepção da

realidade, a transmissão dos conhecimentos e o progresso humano”. (MACHADO, 2002, p, 84). E, através da linguagem que podemos nos permitir autoconhecimento e assim passamos de um conhecimento para outro, pois e assim que evoluímos individualmente para nós mesmos.

A multiculturalidade não ocorre só nas regiões de fronteira, elas devem ser levadas em consideração o número de intercâmbios no país, pois:

O Multiculturalismo é a nova cultura do espaço global, uma cultura dinâmica que se refaz com e através dos fluxos globalizantes, modificando e reconstruindo as interações e colocando como desafio a conciliação de uma diversidade de costumes, concepções e valores, sem o perigo de se excluir as formas diferentes de se manifestar. (SIQUEIRA, 2003).¹

O mundo assim como a fronteira está recebendo alunos estrangeiras que acabam influenciando na preparação dos educadores, mudando até a forma de sua formação, pois tais influências devem ser considerações importantes. Futuramente os educadores deverão ter consciência dessas mudanças.

Os efeitos dos debates sobre a multiculturalidade no Brasil mereceriam uma discussão à parte, dada a sua complexidade. País de raízes mestiças, e que não constitui historicamente minorias que se organizam como comunidades apartadas do conjunto - os migrantes acabaram assimilados à sociedade nacional. (SIQUEIRA, 2003).

As questões levantadas pela multiculturalidade e os efeitos causados por elas são algo que é discutido a parte, pois as ramificações que surgem desses debates causam uma complexidade gigante que acaba sendo mais um tema para discussão.

O mundo se torna cada vez mais multicultural, hoje podemos afirmar que somos um exemplo vivo de uma mistura que veio de gerações atrás, sendo esta maravilhosa,,pois une conhecimento e cultura locais e culturas do mundo.

Definir a cultura e algo muito importante, pois conforme Fleuri.

As definições de culturas podem ser aglutinadas segundo diferentes critérios. Cultura pode ser definida a partir de diferentes tópicos, ou categorias sociológicos, como organização social, religião ou economia do ponto de vista histórico, cultura pode ser entendida como herança social, ou tradição; que e transmitida de uma geração para outra. (FLEURI, 2003, p.09).

¹ SIQUEIRA, Holgonsi Soares Gonçalves. Jornal “A Razão”. (26/06/2003.)

A cultura são valores passados de pai para filho, gerando assim uma corrente cultural riquíssima, que a diferencia dos outros povos.

Mas Fleuri (2003) acreditava que existem outras maneiras de culturas.

[...]. Do ponto de vista comportamental, cultura é compreendida como comportamento humano, o modo de vida, que é compartilhado e aprendido pelos seres humanos. Na perspectiva normativa, a cultura é considerada como ideia, valores ou regras de vidas. Funcionalmente, a cultura pode ser entendida como conjunto de modos que os seres humanos desenvolvem para resolver problemas de adaptação ou de vida em sociedade. (FLEURI, 2003, p.9)

A cultura pode ser compreendida de varias maneiras, porque são valores dos seres humanos, para sua adaptação e sobrevivência, buscando uma vida melhor.

Mas ainda, conforme Fleuri (2003) “[...] do ponto de vista mental, a cultura pode ser vista como conjunto de ideias, ou hábitos aprendidos, que inibe os impulsos e distingue as pessoas dos animais”. (FLEURI, 2003, p.09).

O ser racional cria, reproduz tudo aquilo que necessita para viver, já o animal racional não é capaz disso, e é aí que está a diferença entre ambos.

Existem também para Fleuri a

[...] a cultura pode ser concebida como padrões e interações de ideias, símbolos, ou comportamentos. Do ponto de vista simbólico, considera-se que a cultura consiste no conjunto de significados, construídos arbitrariamente, que são compartilhados socialmente. Pode-se enfim, constatar que a cultura envolve ao mesmo três componentes. O que as pessoas pensam o que fazem e o material que produzem. (FLEURI, 2003, p. 9).

A cultura é tudo que o ser humano pensa, faz e produz, para viver em organização, respeitando regras e deveres.

Para Bhabha (1998), a cultura é também, um entre lugar, pois.

Esses “entre lugares” fornecem terreno para a elaboração de estratégia de subjetivação singular ou coletiva que dão início a novos signos de identidades de colocação constelação, ao ato de definir a própria ideia de identidade. (BHABHA, 1998, p. 20).

Isso significa estar entre os lugares, ou seja, ser um ser híbrido multicultural. Perante essa fronteira de estar sempre aos dois lados Bhabha, se refere. O trabalho fronteiriço da

cultura exige encontro com o “novo” que seja parte do contínuo de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. (BHABHA,1998, p .27).

Ou seja, um eterno encontro das gerações, do passado e do futuro, do novo, atual, e o antigo.

Para Silva as culturas silenciadas ou marginalizadas, podem ser:

As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder costumam ser silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas, pra anular suas posições de reação. Entre ausentes culturas podemos destacar as seguintes... As culturas das nações do espanhol. As culturas infantis, juvenis e de terceira idade. As etnias minoritárias ou sem pode. O mundo feminino. As sexualidades e homossexual. A classe trabalhadora e o mundo das pessoas pobres. O mundo rural e litorâneo. As pessoas com deficiências físicas e ou psíquicas. As do terceiro mundo. (SILVA, 1995, p. 161-162).

As culturas podem sofrer preconceitos, havendo, estereótipos, que as rotulam menosprezando de uma maneira errada sem conhecê-las ao menos, sua cultura possui seu valor e a sua diferença o que as tornam diferentes e de igual importância.

Silva (1995) acredita que: “as nações e o espaço onde se forja a identidade social dos diferentes grupos humanos Aceitação da própria identidades e uma das principais condições para valorizar a dos demais” (SILVA, 1995, p. 163).

Só pode se valorizar a cultura do outro quando conhecemos e valorizamos a nossa própria cultura. As escolas possuem uma ementa a ser cumprida, a qual muitas vezes o aluno não a conhece ou valorize a sua cultura local, que para Silva:

[...] o idioma linguísticos que a escola exige e a dos grupos sociais dominantes, a leitura daqueles autores e autoras que esses mesmos grupos valorizam a geografia, e a história dos vencedores, a matemática nesse caso seria para proteger suas empresas e negócios. (SILVA, 1995, p.166).

Nesses casos a língua materna não é bem recebida pela instituição escolar, onde reprime o seu educando, e em alguns casos o inferiorizando.

Nem sempre a escola abre suas portas para a comunidade local, mostrar a sua cultura, que é aquela que o seu aluno convive diariamente, como se lá fora fosse um mundo e na escola outro.

2.2 ATITUDE INTERDISCIPLINAR: saberes necessários para uma ação pedagógica multicultural...

A atitude é a ação do sujeito numa dada situação educacional e ou não. Num processo pedagógico a atitude pode ser disciplinar ou interdisciplinar. O professor é disciplinar quando, recebe o seu aluno de maneira humana, híbrida sem estereótipos, dando abertura a troca de conhecimentos com seu aluno, não sendo ele somente a dona da verdade e do saber.

Já uma atitude interdisciplinar ele é: aquele profissional que trabalha junto com seus colegas, para que seu aluno tenha uma educação de qualidade.

Uma atitude, construída com base na confiança mútua, significa a concretização de uma relação dialógica e pressupõe os aspectos: a parceria, a generosidade que leva à humildade, a dúvida, a espera, a sintonia, o resgate da beleza de aprender e viver, a poesia, a espiritualidade, o respeito ao outro, transformando a obrigação de Josgrilbert (2002) aprender em naturalidade, o medo frente ao novo na alegria de conhecer, a submissão na liberdade, o ser passivo em agente do saber. (JOSGRILBERT, 2002, p. 86).

A alfabetização com base nessa atitude defendida por Josgrilbert (2002) será possível com naturalidade numa relação dialógica, com respeito, alegria e confiança mútua e generosidade. Para Fazenda (1999) apud Josgrilbert (2002, p. 85) a "Interdisciplinaridade não é categoria de conhecimento, mas de ação". Ação nesse sentido e a atitude do pedagogo.

Para falar sobre o papel do Pedagogo frente uma atitude interdisciplinar na alfabetização é necessária conceituar essa atitude Inter. Para isso recorreremos a Fazenda (2002) e Josgrilbert (2002), pois elas dizem que a:

Atitude significa "porte, jeito, postura, comportamento, procedimento" (cf. Cunha, 1999) e podendo ser considerada "um estado cuja essência é a satisfação ou a insatisfação ativa com algo que se passa no mundo" (cf. Blackburn, 1997). (JOSGRILBERT, 2002, p. 85).

Assim cabe ao educador/a pedagogo/a ser e pensar com o grande mestre "Sócrates o precursor da teoria interdisciplinar" Josgrilbert (2002), pois a atitude comportamental ativa que se satisfaz e é sempre insatisfeita leva a Interdisciplinaridade, que de acordo com Fazenda (2002) significa.

[...] muito mais do que um conjunto de disciplinas, é uma libertação de modelos predeterminados, é saber unir a arte com ciência, é saber usar a utilidade do tempo; é uma relação entre pessoas, que começa a partir de um olhar, que pode gerar um momento único de interação, um momento de aprendizagem. Professores e alunos são sujeitos com histórias de vida e bagagens culturais diversas, que vivenciam situações, por vezes, antagônicas. Este vínculo, necessário à prática interdisciplinar, demanda um intenso e responsável trabalho pedagógico. (JOSGRILBERT, 2002, p. 85).

Essa “libertação de modelos predeterminados” pode auxiliar na escolha de métodos de alfabetização possíveis para que o pedagogo possa ter uma atitude na alfabetização das crianças multiculturais que considera as “histórias de vida e bagagens culturais diversas” dos sujeitos envolvidos no processo ensinar e aprender.

Dessa maneira:

A atitude, que se articula com a prática interdisciplinar, exige que o Professor esteja sempre avaliando seu trabalho, verificando se está. Adequado à realidade, se traz felicidade na relação professor-aluno e se leva à aprendizagem significativa. (JOSGRILBERT, 2002, p. 85).

Assim, de acordo com Josgrilbert (2002) essa mudança de atitude depende da proposta da prática e de reflexões novas, que considera a teoria articulada com a prática para a vida e para a satisfação do aprender e do ensinar, e é essa atitude o que acreditamos ser importante e necessária no fazer da alfabetização das crianças multiculturais da fronteira objeto desse TCC. Pois cabe ao pedagogo/a essa tarefa de construir tais atitudes.

2.3 PEDAGOGO/A: construindo atitudes Inter multiculturais...

Mas, o que significa ser pedagogo/a? Numa região de fronteira? Bom, vale destacar que ser pedagogo, é sempre estar se reciclando, aprendendo com todos que os rodeiam e, através disso trazer novas experiências e conhecimentos, dialogados com as diversas realidades para dentro da sala de aula. O pedagogo não é mais quem serve de pajem, da criança nem o motorista que leva as crianças na escola. Ele é o que lida com meios intelectuais e técnicos que possibilitam ensino e a aprendizagem. (GHIRALDELLI, 2007, p.12).

Sendo assim, o pedagogo no aquele que somente mostra ou induz ao caminho, mas aquele que guia ao aprendizado.

Buscando definir para Pimenta e Lima, o que seja ser pedagogo/a encontramos que:

[...] a Pedagogia com o modo de ensinar matéria e o uso de técnica de ensino, nesse aspecto, o pedagógico diz respeito apenas ao metodológico, aos procedimentos. A PEDAGOGIA ocupa-se desses aspectos, mas antes disso, até mesmo para eles se ocupar, tem um significado mais amplo globalizado. (PIMENTA E LIMA, 2004, p.153).

Assim entende-se que ser pedagogo, é estar nas instituições de ensino, não somente como alguém que ensina, mas sim, alguém que tem participação ativa na criação de uma sociedade melhor. Onde a educação se dá por meios orais, que é o ensino propriamente dito. E, por ações, que são pequenos gestos, que a criança pode aprender, somente observando as atitudes do pedagogo.

Pois compreender só não, basta, pois para Pimenta e Lima (2004). Assim compreender, a Pedagogia como campo teórico da prática educacional que não se restringe à didática da sala de aula nos espaços escolares, mas esta presente nas ações educativas em geral. (PIMENTA e LIMA, 2004, p. 154).

Sendo assim, o/a professor/a ensina para a vida, ou seja, uma aprendizagem significativa, quando desenvolve atitudes que podem

[...] propor atividades de leitura e de escrita, mobiliza saberes distintos e conseqüentemente ensinam coisas diferentes. Para ler textos que sabem de cor as crianças têm de fazer a correspondência entre partes de textos que já sabem como trechos escritos. (WEISZ, 2010) ².

Cada vez que a criança desenvolve as atividades propostas pelo pedagogo/a, no caso a leitura, ela parte para um “mundo de faz de conta”, onde fantasia aquilo que existe de real ou não, assim utilizando as correspondências necessárias ao aprendizado.

Mas, o/a educador/a para propor tais atividades, segundo Josgrilbert (2002).

[...] necessita optar por uma atitude que conduza sua prática e, conseqüentemente, a de seus alunos, a atos de reflexão, de criação, de humildade frente ao conhecimento, de observação, de parceria, de vontade de ir além, de criar, de ousar para ser feliz. Nas salas de aula onde a atitude interdisciplinar acontece, novos caminhos de ensino e pesquisa se abrem, fruto de uma prática que almeja a concretização da cidadania. (JOSGRILBERT, 2002, p. 86).

² WEISZ, Telma. Revista de quem Educa, Nova Escola. 10/2010

Essa cidadania pensada por Josgrilbert (2002) se aliada ao reconhecimento e dialogo entre as culturas das crianças poderá com certa felicidade favorecer uma alfabetização multicultural fruto de um processo ousado do/a pedagogo/a.

Dessa maneira, utilizando dos autores Pimenta e Lima (2009), Weisz (2010) e Josgrilbert (2002) entendem que ser pedagogo é aquele que ensina e aprende junto com seus alunos. Valorizando sua cultura e sua bagagem de conhecimentos de maneira interdisciplinar.

Esse/a pedagogo/a ele deve se preocupar com a alfabetização da das crianças multiculturais, em específico da fronteira, objeto nesse TCC. Construindo atitudes interdisciplinares e multiculturais com seus alunos para uma sociedade melhor na região de fronteira.

Para Candau (1997) uma

[...] uma educação multicultural deve ser um imperativo não só com relação aos grupos discriminados, como também comum relação aos grupos dominantes, uma vez que tal tipo de educação visara não só a igualdade educacional, como também a formação de novas gerações distintas de preconceito (CANDAU, 1997, p. 209).

Por isso uma educação de qualidade deve ser sem preconceito e estereótipos, onde um respeite o outro havendo assim uma união entre as pessoas e a comunidade escolar.

Conforme Candau (1997) uma educação primeiramente.

[...] busca-se na vertente multicultural a formação de professores aptos a lidar com a diversidade cultural de seus alunos, partindo de um desafio, a estereótipos que informam praticas docentes discriminatórias e problematizando conteúdos etnocêntricos e práticos fragmentadas. (CANDAU, 1997, p 213).

O professor devera estar livre de preconceitos, para assim ensinar os seus alunos a valorização cultural dos demais, trazendo para sala de aula, algo de valorização cultural dos próprios alunos e o meio em que eles estão inseridos.

Cada profissional da educação possui um respeito ou uma maneira de julgar, e valorizar a cultura do aluno, mas cabe a ele estar abertos a novas experiências culturas aprendendo com seus alunos:

[...] educação multicultural possui diferentes significados para diferente, e, em alguns profissionais e, em alguns casos ela e usada em documentos e ou em discursos como seus significados fosse universal, sem que se proceda a

uma definição ou uma caracterização dos modos pela qual ela é concebida. (CANDAU, 1997, p. 216).

Para Candau (1997) existem diferentes tipos de profissionais que não valorizam o seu aluno, não abrindo a ele, a oportunidade de troca de conhecimentos, distanciando ainda mais o seu aluno de si. Dessa maneira, o profissional faz com que seus alunos unidade de um aprendizado significativo. Isso reflete num “conteúdo curricular e pedagógico será tratado como único, inquestionável, e a perspectiva com relação à diversidade cultural e a de ASSIMILAÇÃO CULTURAL” (CANDAU, 1997, p. 221).

Tornando-se assim um profissional onde se fecha ao diálogo e a troca, se colocando no centro da verdade e do conhecimento.

As pessoas com preconceitos culturais, de acordo com Candau (1997) possuem:

[...] a CONSCIENTIZAÇÃO CULTURAL que imbuída à perspectiva da teoria crítica da teoria crítica em formação docente buscara não só promover uma aceitação da diversidade cultural, como principalmente desvelar a articulação cultural-poder que está a base dos estereótipos que inferiorizam e marginalizam as culturas não dominantes. (CANDAU, 1997, p. 227).

Uma comunidade docente que marginaliza a cultura dos seus educandos, distancia dele a valorização e o conhecimento, que uma cultura possui que são valiosíssimas. Os estudos culturais estão em profunda teóricas e práticas as relações entre cultura e poder. (CANDAU, 1997, p. 242)

Para Candau (1997) a instituição escolar é uma forma de.

Vivemos em contextos de hibridização cultural. Reconhecer esta realidade como o húmus é fundamental. Trabalhar a partir desta perspectiva a cultura escolar e a cultura da escola nos introduz numa abordagem nova desafiante a ser explorada na formação de professores e no currículo escolar. (CANDAU, 1997, p. 244).

A hibridização cultural escolar se renova todos os anos, pois os alunos conhecem novas culturas e passam assim a valorizá-las de maneira multicultural. A partir que conhecemos a nossa própria cultura, podemos conhecer a dos demais, havendo uma troca, e uma valorização riquíssima, pois para Candau “[...] Educar, ensinar, e colocar alguém em presença de certos elementos da sua cultura a fim de que se construa sua identidade intelectual e pessoal em função deles”. (CANDAU, 1997, p. 245).

O conhecimento adquiridos na escola possui uma maneira de valorizar não só a sua, mas a cultura do outro através da troca. Candau (1997) mostra que o professor deve ser um ser híbrido sem preconceitos e aberto para uma nova maneira de fazer com seus alunos busquem e resgatem a sua raiz cultural e se sinta valorizado por si.

Conforme Candau o professor deve ser alguém que desperta no aluno:

[...] uma educação multicultural deve ser um imperativo não só com relação aos grupos discriminados, como também com relação aos grupos dominantes, uma vez que tal tipo de educação visará não só a igualdade educacional, como também a formação de novas gerações destituídas de preconceitos [...] (CANDAU, 1997, p. 209).

Uma educação sem preconceito, sem estereótipos, onde todos possuam o mesmo valor, pessoa e educacional, onde um seja capaz de aprender com o outro com a troca, e com esse respeito mutuo que uma nova geração terá inicio, para assim um futuro prospero e melhor.

Os alunos que vão as escolas possuem varias etnias, são de varias culturas diferentes, muitas vezes recebem o mesmo forma de alfabetização, ou seja são vistos tratados, e recebido como um ser igual sem respeitos individuais, deve aprender como os demais, possuir a mesmas duvidas.

Sendo com isso um professor deve estar preparado não só formação teórica e sim, sem preconceitos e humanitário para receber essas crianças.

Estar reparado não, e só de forma para aparentar aos demais profissionais, mas estar no corpo e alma realmente de braços abertos, para, que o seu aluno tenha uma educação de qualidade, sendo assim deve respeitar seu aduno em relação a sua especificidade.

Como os alunos são únicos com pensamento diferentes, os próprios, professores também um e totalmente diferente do outro, desde o seu pensar ate o seu agir.

Cada institucional, educacional, recebe uma ementa que deve ser cumprida a arrisca por todas as series, sem dar abertura para outro tipo de conteúdo, cabe ao professor, dar o seu jeitinho brasileiro com textos diferentes, para trazer através dos mesmos culturas, valorizando, assim todas em suas diferenças culturais, por isso Candau (1997) afirma que: O conteúdo curricular e pedagógico será tratado como único inquestionável e a perspectiva com relação à diversidade cultural é a ASSIMILAÇÃO CULTURAL. (CANDAU, 1997, p. 221).

Sendo com isso de suma importância, o professor multicultural deve valorizar o seu aluno, dentro da sua individualidade cultural sendo valorizada sua cultura individual.

A criança aprender melhor quando se sente valorizada, na escola principalmente quando ela tem sua origem étnica e cultural diferente com as demais crianças, ela se sente capaz de aprender como os outros.,e acima de tudo importante.

O educador deve ser alguém que conheça as culturas existente em sua sala de aula, para poder conscientizar a todos ao seu redor de forma onde o oprimido não se sinta menosprezado por ele nem pelos demais.

As culturas das minorias muitas vezes passam por despercebida em sala de aula, pois devem seguir e ser como os demais, deixando de lado, as suas origens, sendo esmagadas e aceitando a cultura dominante pra não parecer errada perante a sociedade.

Quando fazemos parte se uma sociedade, como a nossa onde tudo é passageiro o modismo e seguido a risco por muitos, em especial por jovens, que copiam roupas e acessórios entre outras coisas e difícil saber ao certo qual e o tipo de cultura realmente fazemos parte afinal.

Bom, sendo assim vive-se em uma cultura hibrida onde se deve escolher aproveitar que cada cultura possui de melhor, pra aprender algo contra o outro com a troca, afinal um mundo globalizado, onde tudo e extremamente rápido e corriqueiro, o momento, de aprendizagens começa na escola.

O aluno deve conhecer as culturas que são diferentes das suas, buscando pra si mesmo o melhor de cada uma dela em especial o respeito pelo outro e criando sua própria identidade cultura; mas para que isso ocorra o professor deve criar situações e contextos.

A escrita, muitas vezes esta por toda parte em nosso dia a dia, mas há pessoas que sobrevivem sem saber ler ou escrever, aprendem com a vida, com a experiência dos anos, conseguem se locomover com, distancias ditas grandes, ou não, mas na maioria das vezes são pessoas de uma vida mais simples, e humildade, sem perspectivas de vida ,ou com salário vergonhosos, mas e na escola que as crianças devem aprender a ler e escrever para conforme Klein (1996) “[...] a sociedade, no seu conjunto, utiliza a escrita porque precisa dela, porém, em nenhuma sociedade constatamos e exercício da escrita como uma necessidade de todos os homens enquanto indivíduo”(KLEIN, 1996, p . 105-106).

A escrita e o conhecimento dela estão presentes em tudo que envolvem sociedade atual, como um patamar de dominante e dominado, sendo com isso binária.

A escrita a leitura une uma sociedade como um todo, onde cada ser individualmente deve aprender com ajuda da escola ou da vida para que se possa sentir esta ou daquela sociedade. De acordo com Klein (1996):

Ler e escrever é uma exigência natural em termos desta ou daquela sociedade considerada concretamente, por tanto ela é social. Por esta razão é como já dissemos ser letrado [...] pode vir a ser mais uma dessas necessidades a serem abolidas e esquecidas [...]. (KLEIN, 1996, p. 115).

O indivíduo se ser alfabetizado e estar com constante busca de aperfeiçoamento, para não ser rejeitado ou abolido pela sociedade.

Mas o mestre que realmente ensina e aquele que troca com o seu aluno onde, questiona o que sabe ou conhece, será que o seu aluno realmente esta errado com sua resposta ou foi ,o professor quem não compreende seu aluno, esperando resposta estereotipadas, onde o seu aluno não possa estar correto de certa maneira ,ou em parte., sendo com isso Klein (1996) afirma que,[...] a incidência com que se produz, diante do aprendiz, a relação significante/significado que, sem maiores esforços de sistematização e explicação ele se apropria desse código [...] (KLEIN, 1996 , p. 117).

A resposta pode estar errada ao professor, mas o aluno pode estar certo da sua maneira, ao seu pensar, ao seu entender.

No inicio da alfabetização um simples traços ou rabisco possuem muitos significados para uma criança, não compreendida que esse som possa ser escrito. Mas que pode ser sanado com o passa do tempo ate a descoberta da leitura, ainda conforme Klein (1996):

Por outro lado, ao se deparar com registro escrito nem sempre a criança estará simultaneamente diante dos elementos sonoros, que esse registro está representando. Para esse registro signifique é necessário alguém que possa recuperar, nele, o seu valor sonoro. (KLEIN, 1996, p. 119).

Sendo por isso necessário que o educador repetir, reler, sempre, para que seu aluno possa entender que esse som pode ser escrito, ou seja, representado em forma de letras.

O alfabetizador deve estar preparado para receber vários tipos de alunos, na sua sala de aula, por isso deve alfabetizar de varias formas e maneiras, buscando o significado do significante, facilitando ,envolvendo seu educando a aprender, sempre valorizando cada um deles. Trazendo diferentes maneiras e formas de produções textuais, interessantes para chamar a atenção de todos.

Conforme Fazenda (1998) existem vários tipos de professores, com personalidades diferentes, entre eles:

[...] necessitamos para isso exercitar nossa vontade para um olhar mais comprometido e atento às práticas pedagógicas rotineiras menos pretensiosas e arrogantes em que a educação se exerce com competência. [...]. Um olhar interdisciplinar atento recupera a magia das práticas, a essência de seus movimentos, mas, sobretudo, e diz-nos a outras superações ou mesmas reformulações. O professor intuitivo não se contenta em executar o planejamento elaborado, ele busca sempre alternativas novas e diferenciados para seu trabalho. [...]. O professor intelectual é comumente visto como um filósofo, como um ser erudito logo adquire o respeito, não apenas dos seus alunos, mas também de seus pares, é aquele que todos consultam quando tem alguma dúvida. [...], o professor de competência prática, sua capacidade de organização prática torna-o um professor querido por seus alunos, que nele sentem a presença de um porto seguro. (FAZENDA, 1998, p. 12-15).

Conforme Fazenda (1998), cada professor tem uma maneira própria de acompanhar seu aluno, a aprendizagem do mesmo, isso o torna único e diferente, por isso os alunos se identificam normalmente com aquele que mais lhe assemelhe ou sinta necessidade:

O professor de competência emocional expõe suas ideias por meio de sentimentos provocando uma sintonia mais imediata das emoções e contribui também para a organização de conhecimentos mais próxima da vida. (FAZENDA, 1998, p. 16).

Cada dia é um dia novo, onde tudo é possível acontecer dentro de uma sala de aula, pois o professor lida com seres que pensam, age e possui seus problemas, para isso deve estar preparado, pois:

Sujeito que observa, fala e age, o professor encontra a cada passo situações imprevisíveis, só ultrapassáveis pelos recursos ao potencial de seu saber, na correta interação entre a situação e o pensamento, entre pensamento e ação. (FAZENDA, 1998, p. 23).

Fazenda (1998) afirma que o professor deve estar atento a tudo que acontece ao seu redor, para sanar possíveis dúvidas e situações inesperadas.

Normalmente, segundo Fazenda (1998) o professor de línguas encontra maior facilidade de envolvimento com seu aluno, pois:

O professor de línguas é o mediador entre o aluno e a língua estrangeira, com vista ao desenvolvimento, pelo sujeito que aprende da competência comunicativa com todas as explicações que esse processo envolve no desenvolvimento pessoal e social do aluno. (FAZENDA, 1997, p.25).

É nesse momento, de acordo com Fazenda (1997), que o aluno se sente motivado a aprender e se envolver na sala, pois ele está compreendendo a sua linguagem materna da qual começou a falar.

Não existe um momento em que a criança aprenda somente Língua Portuguesa ou exatas, o professor deve estar atento para trabalhar as disciplinas onde haja interação entre as mesmas.

No projeto interdisciplinar não se ensina, nem se aprende: vive-se, exerce-se. A responsabilidade individual é a marca do projeto interdisciplinar, mas essa responsabilidade por esta imbuída do desenvolvimento. (FAZENDA, 1997, p. 17).

Conforme Fazenda, (1997) o projeto interdisciplinar é na maneira de uma disciplina trabalhar com a outra, para que o aluno aprenda mais.

Fazenda (1997) diz que o termo interdisciplinaridade é o que parte de dentro de si para um aprendizado com o outro. O termo interdisciplinaridade se compõe de um prefixo - Inter e um sufixo - dade, que ao se justaporem ao substantivo disciplina nos levam à seguinte posição ou ação intermediária. (FAZENDA, 1997, p. 23). Sendo assim, interdisciplinaridade é a ação da aprendizagem realizada mediante todas as disciplinas.

[...] a interdisciplinaridade está marcada por um movimento interrupto criando ou recriando outros pontos para a discussão [...] Aprende-se com a interdisciplinaridade que um fato ou solução nunca é solado, mas sim consequência da relação entre muitos outros. (FAZENDA, 1997, p. 35).

De acordo com Fazenda (1997) não existe uma interrupção para o aprendizado, se aprende com um todo ao mesmo tempo.

E necessário despojar-se de preconceitos, questionar os valores enraizado no consciente, transcender a busca de ser maior que de nos mesmo, e sentir-se livre para poder falar e principalmente, ouvir. Ouvir você e o outro. E assim que concebo o ato de educador interdisciplinar. (FAZENDA, 1997, p. 63).

E necessário se desprender de preconceitos estereotipado dentro de que nos impedem de conhecer o outro.

3. ALFABETIZAÇÃO E SEUS MÉTODOS: um desafio no processo de ensino aprendizagem multicultural...

Nessa terceira seção apresentamos conceitos de alfabetização, e letramento, e os métodos que podem ser utilizados pelos/as pedagogos/as multiculturais no processo de alfabetização e letramento numa região fronteiriça.

3.1. Definições e conceitos Alfabetização e letramento

Quando o mestre e o aluno trabalham de forma harmoniosa ambos saem aprendendo juntos, pois de acordo com para Ferreiro e Teberoski (1985) existem níveis de aprendizados, que podem ser

Nível 1: E reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como forma. Se esta forma básica e a escrita de imprensa, teremos gráficos separados entre si, composto de linhas curvas e retas ou de combinações entre ambas [...] (FERREIRO e TEBEROSKI, 1985, p. 183.).

Quando a criança esta começando a ser alfabetizada ela escreve traços, rabiscos, que para ela possui um significado, onde só ela consegue decifrá-la

Para a criança as palavras escritas ou lidas por, ela segundo Ferreiro e Teberoski, (1985)

Nível 2: A hipótese central deste nível e a seguinte, para poder ler coisas diferentes isto e atribuir significados diferentes (deve haver uma diferença objetiva) deve haver uma diferença nas escritas. O progresso gráfico mais e que a forma dos grafismos e evidente mais definida, mas próxima a das letras [...] (FERREIRO e TEBEROSKI, 1985, p. 189).

De acordo com o nível que a criança se encontra ele deve ler as palavras escritas de maneira diferente para que ela possa compreender que a leitura e de outra palavra que anteriormente, parecia tudo igual.

Já com o um conhecimento maior, o aluno começa a dar som às letras, para Ferreiro e Teberoski (1985) e quando esta no

Nível 3: Este está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita. Nesta tentativa a criança passa por um período. Cada letra vale por uma sílaba. (FERREIRO e TEBEROSKI, 1985, p.193).

Neste nível a criança começa a ler e dar sons às letras, mas, essas letras valem como sílabas, ou seja, têm um significado maior para ela, passando a escrever as palavras de acordo com o tamanho do objeto escrito, onde tudo que é escrito por ela possui características novas.

Com o seu conhecimento cognitivo mais avançado e aperfeiçoado, para Ferreiro e Teberoski (1985) essa:

Nível 4: Passagem da hipótese para a alfabética. Vamos propor de imediato, nossa interpretação deste momento fundamental da evolução: A criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá “mais além” da sílaba pelo conflito entre hipótese silábica e a exigência de qualidade. [...] (FERREIRO e TEBEROSKI, 1985, p. 196).

Quando chega este nível de alfabetização ela começa a perceber que a leitura das palavras antes vistas por ela possui características e sons diferentes e por isso começa a ver a necessidade de interpretá-la e conhecê-la de forma correta.

De acordo com Ferreiro e Teberoski neste nível:

Nível 5: A escrita alfabética constitui o final desta evolução. Ao chegar a este nível a criança já franqueou a “barreira” do código, compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a silábica e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas nas palavras que vai escrever. (FERREIRO e TEBEROSKI, 1985, p. 213).

Ela começa a perceber que as letras possuem sons diferentes e, não sons de sílabas, que eram lidas por elas anteriormente, prestando mais atenção na sua grafia. Para Ferreiro e Teberoski, (1985) o conhecimento da escrita do

O nome próprio como modelo de escrita, como a primeira forma escrita dotada de estabilidade, como protótipo de toda escrita posterior, em muitos casos cumpre uma função muito especial na psicogênese que estamos estudando. (FERREIRO e TEBEROSKI, 1985, p. 215).

O alfabetizante começa a escrever palavras usando as letras que já conhecem e que estão em seus nomes, usando como base do início de palavras novas, dando a eles novos significados, que acham estarem corretas.

De acordo com Ferreiro (1987)

O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas-sociais assim como as informações sociais não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentar compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido [...]. Este é o significado profundo da noção de *assimilação* que Piaget colocou no âmago de sua teoria. (FERREIRO, 1987, p. 24).

E nas escolas em ambientes sociais, onde a crianças recebe estímulos para serem alfabetizadas, que serão sendo assimiladas por elas. Transformando-se em aprendizados.

Dependendo do nível social em que a criança, vive, para Ferreiro (1987). A criança das populações urbanas marginalizadas tem umas possibilidades de cálculo com dinheiro superior a que a escola constata ao ocupar-se somente da representação do cálculo (com lápis e papel). (FERREIRO, 1987, p. 37).

A necessidade às vezes de trabalhar pelo próprio sustento faz com que mesmo antes de ser alfabetizadas a crianças saiba fazer contas, pois o erro pode trazer prejuízos, das quais elas não podem ter.

Mas para Soares (2003)

É verdade que, de certa forma, aprendizagem da língua materna, quer escrita, quer oral, é um processo permanente, nunca interrompido. Entretanto, é preciso diferenciar um processo de aquisição da língua (oral e escrita) de um processo de desenvolvimento da língua (oral e escrita) este último é que, sem dúvida, nunca é interrompido. (SOARES, 2003, p. 15).

A linguagem materna da qual a crianças, foi ensinada pelos familiares possui um valor muito grande, para ela, da qual a correção em sala se torna um tanto difícil, mas que deve ser respeitado pelo professor, multicultural que deve valorizar a cultural em que ele vive.

De acordo com Soares (2003) o professor possui um, papel muito importante na vida de uma criança, pois:

[...] “levar à aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades, o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever, pedagogicamente, atribuir em significado muito amplo ao processo de alfabetização seria negar-lhe a especificidade, com reflexos indesejáveis da caracterização de sua natureza, as configurações das habilidades básicas de leitura e escrita, na definição da competência em alfabetizar. (SOARES, 2003, p. 15).

O educador deve fazer com seu aluno seja alfabetizado através do seu conhecimento prévio, de acordo com sua realidade, e não impondo regras e valores próprios, que deveriam ser assimilados por eles.

Para Soares (2003)

[...] sem dúvida, a alfabetização é um processo de compreensão, expressão de significados por meio de código escrito. Não se consideraria “alfabetizada” uma pessoa que fosse apenas capaz de decodificar símbolos visuais em símbolos sonoros “lendo”, alfabetizada uma pessoa incapaz de, por exemplo, usar adequadamente o sistema ortográfico de sua língua, ao expressar-se por escrito. (SOARES, 2003, p. 16).

Estar alfabetizada e ser capaz se compreender, escrever, e decodificar letras, para viver em sociedade, onde tudo que nos rodeia deve ser lido e compreendido.

Soares (2003) acredita que

Assim, ler sob perspectiva de sua dimensão individual, é um conjunto de habilidades e conhecimento linguístico e psicológico, estendendo-se desde se as habilidades de decodificar palavras escritas até a capacidade compreender textos escritos [...] ler é um processo de relacionamento entre símbolos escritos e unidades sonoras e é também um processo de construção da interpretação de textos escritos. (SOARES, 2003, p. 31).

Ler e decodificar a escrita, é um processo de conhecimento de compreensões de sons interpretações ,onde é necessário à visão e o raciocínio rápido e eficaz de uma maneira simples onde mente humana trabalha a alfabetização, métodos, fases que a criança

De acordo com Cuberes (1997) a educação e o conhecimento fazem com que o homem haja e exista:

[...] a expansão da alfabetização implica em reconhecer que, além da leitura e da escrita, uma variedade; existe um universo de conhecimento e uma pluralidade de atitude e de valores que de maneira cada vez mais complexa, permite-nos compreender nosso mundo e agir de acordo com isso. (CUBERES, 1997, p. 23).

Pois para Cuberes (1997) além da leitura, existem ,varias culturas maneiras de ler o mundo, através de atitudes respeitos e valores.

A alfabetização acontece para Cuberes (1997) em poucas palavras, podemos considerar a alfabetização como o único de um processo continua que se prolongara durante anos. Evitando, tradicional fragmentação do conhecimento. (CUBERES, 1997, p. 23).

Essa alfabetização ocorre de maneira gradativa e continuada, onde sempre se assimila e aprende algo novo.

Conforme Fazenda (1997) a educação e o aprendizado ocorrem durante a vida toda do ser humano, que esta em contato com o mundo de tal forma que os anos trazem consigo também o conhecimento.

Mas o conhecimento que se adquire com os demais, faz com que se construam novas e forma de adaptação construção, “[...] a aprendizagem como ao desenvolvimento, esta ligado a cada um dos campos de conhecimento necessário para viver, conviver, comunicar-se compreender, o mundo, criar e constituir-se em membro da sociedade”. (CUBERES, 1997, p. 24).

De acordo com Cuberes (1997) a aprendizagem esta ligada a construção e a vivencia em sociedade.

A zona de desenvolvimento que a crianças tem ocorre no momento em que ela se sinta na necessidade de aprender, sendo a amaneira como ela aprende ou compreende as coisas sendo, assim

O conceito de zona de desenvolvimento proximal, de Vygotsky questiona as atitudes superprotejo-as e as modalidades comunicativas infantizadoras que caracterizam, mas facilmente detectável na pré-escola do que em etapas sucessivas. (CUBERES, 1997, p. 48).

Cuberes (1997) afirma que a etapa onde a crianças se sente mais envolvida a apreender e no pé escola, onde ela e estimulada para que isso ocorre. A consequência pedagógica que acompanha esta conceptualização e extrema importância [...] a verdadeira ação educativa não pode dirigir-se aos níveis evolutivos já, porque seria mera redundância [...] (CUBERES, 1997, p. 48).

O aluno ao ser alfabetizado deve ser conforme a sua especificidade, intelectual, e cognitivas, que o diferenciara das demais criança.

Mas a convivência dela com conforme Cuberes (1997) acontece:

Na área da língua, este tipo de trabalho implica em colocar as crianças em contato permanente com pessoa que falam lêem, escrevem, revelando uma competência linguística que, ser surpreendente constitui um nível mais elaborado que o correspondente ao desenvolvimento atual do aluno. (CUBERES, 1997, p. 49).

Para Cuberes (1997) o contato de crianças que estão sendo alfabetizadas, com os que já lêem, e escrevem os motivam com mais intensidade, ocorrendo uma troca muito positiva.

As crianças passam por varias etapas, antes de se alfabetizarem, sendo de maneira vagarosas ou não, variam conforme a estagio em que se encontra e o meio em que viva, sendo um Andaime e um conceito elaborado por Bruner apud CUBERES (1997)

[...] que se relaciona com a questão de zona de desenvolvimento proximal, pois se refere aos comportamentos dos adultos que são facilitadores de desenvolvimento infantil, já que permitem que a crianças atinjam resultados que não poderia atingir sozinha. (CUBERES, 1997, p . 49.).

Ainda conforme Cuberes (1997) os adultos que estão mais próximos devem motivar para que ocorra essa interação e assim o aprendizado.

Mas o meio em que o educando vive também alfabetiza, pois tudo que a odeia e a envolve de certa forma também ensina, trazendo consigo uma variedade de conhecimento.

Com o passar do tempo e com maturação em desenvolvimento a crianças percebe que aquilo que ela fala ela consegue escrever usando a escrita. “Nos meios sociais alfabetizados, a aprendizagem da língua oral ocorre quase simultaneamente com a aquisição de uma diversidade de conhecimento sobre a escrita. Isto faz parte de um processo de alfabetização quase natural”. (CUBERES, 1997, p. 67).

A criança no apreende e se alfabetiza sozinha, pois nessa fase de desenvolvimento, ela aprende muitas outras coisas, palavras novas, a ver o mundo de maneira diferente ocorre uma aprendizagem diversa.

3.2 Métodos De Alfabetização: desafios e escolhas para o/a pedagogo/a

O aluno aprende segundo Klein (1996), quando consegue desempenhar um papel ativo na sociedade pois:

Evidentemente é importante ressaltar que no ato de aprender, o aluno desempenha um papel ativo, e também sujeito daquele acontecimento, não é um ser passivo em cuja cabeça se haverão de desejar informações que ele docilmente, se encarregara de memorizar. (KLEIN, 1996, p. 81)

O aluno só aprende quando se sente parte do acontecimento, do conteúdo, da escola, de maneira prazerosa, consciente e gradativo. Sendo assim o aluno torna parte do significado e também do significante. “Desta forma, a incidência com que se produz, diante do aprendiz, a relação significado significante permite que, sem maiores esforços de sistematização e explicação, ele se aproprie desse código” (KLEIN, 1996, p. 117).

O educando vai compreendo e sendo alfabetizado de forma gradativa. Conforme Klein (1996) a escrita é um código de decifrações que “nos obriga a transitar por dois canais diferentes e nem sempre processados simultaneamente a audição e a visão” (KLEIN, 1996, p. 117). Quando lemos e escutamos primeiramente o som se faz presente logo escrevemos, pensamos de antemão a nossa mente faz a escrita de maneira correta ou não.

A criança é um aprendiz, que de acordo com Macedo (1990) aprende melhor quando a alfabetização acontece conforme a sua realidade, o seu meio e a sua cultura. “Os alunos devem alfabetizar-se quanto às próprias histórias, as experiências, a cultura de seu meio é ambiente imediato” (MACEDO, 1990, p. 34).

Isso acontece de maneira significativa, para o educando de tal forma espontânea e eficaz. Segundo Freire (1990) acredita-se que a escrita faz parte do mundo com o contato do meio com o alfabetizado, pois: “Ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo, escrever o mundo, isto é, ter o mundo e de estar em contato com o mundo” (FREIRE, 1990, p. 34). Nós só estamos alfabetizados quando nos sentimos parte todo do mundo sem nenhuma opressão, ou rejeição da sociedade. “A língua também é cultura, e é a força ela e mediadora do conhecimento, mas também, ela mesmo, o conhecimento. Creio que todo isso passa também através das classes sociais” (FREIRE, 1990, p. 35).

O sujeito de acordo com Freire (1990) faz parte da cultura oprimida ou não sendo assim fala, escreve, pensa conforme o meio em que este esteja acostumado a viver, podendo escrever de maneira correta ou às vezes incorreta.

Macedo (1990) acredita na ideia na alfabetização como padrão de classes sociais e culturais em que a sociedade atual aceita, sendo:

A ideia de que a alfabetização questão de aprender a língua padrão ainda permitia a enorme dos programas de alfabetização e manifestou sua lógica na ênfase que, novamente, se da à leitura e as habilidades para a escrita. (MACEDO, 1990, p. 90).

Sendo assim a sociedade e quem pé estabelece a maneira correta do sujeito escrever, falar e se portar para que sinta igual a todos par a que não se sinta excluído nem diferente dos demais. A aprendizagem conforme Piletti (1991) é o resultado da:

A aprendizagem pode resultar da atividade individual da experiência do indivíduo no mundo. Para que aja educação, portanto surge a necessidade de que o professor trabalhe em conjunto com seus alunos. (PILETTI, 1991 , p . 228.)

O educando só poderá aprender quando se sentir parte do conteúdo e da interação com o professor, de maneira individual ou em conjunto. Existem dois tipos de educação segundo Paulo Freire apud Piletti (PILETTI, 1991, p. 232) “O Educador Paulo Freire distingue duas concepções básicas de educação: A educação Bancária e a Educação Libertadora”. Quando o aluno deposita em si mesmo tudo aquilo que aprende durante o horário de aula.

Ou seja, o aluno aprende conforme a sua necessidade e com o estímulo do seu professor, havendo uma interação entre os dois.

Ela começa a perceber que as letras possuem sons diferentes e ,não sons de sílabas, que eram lidas por elas anteriormente, prestando mais atenção na sua grafia.

O alfabetizante começa a escrever palavras usando as letras que já conhecem; e que estão, em seus nomes, usando como base do início de palavras novas, dando a eles novos significados, que acham estarem corretas.

De acordo com Ferreiro (1987)

O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas-sociais assim como as informações sociais não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentar compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido [...]. Este é o significado profundo da noção de *assimilação* que Piaget colocou no âmago de sua teoria. (FERREIRO, 1987, p. 24).

E nas escolas em ambientes sociais, onde a crianças recebe estímulos para serem alfabetizadas, que serão sendo assimiladas por elas. Transformando-se em aprendizados.

Dependendo do nível social em que a criança vive, para Ferreiro (1987). A criança das populações urbanas marginalizadas tem uma possibilidade de cálculo com dinheiro superior a que a escola constata ao ocupar-se somente da representação do cálculo (com lápis e papel). (FERREIRO, 1987, p. 37).

O educador deve fazer com seu aluno seja alfabetizado através do seu conhecimento prévio, de acordo com sua realidade, e não impondo regras e valores próprios, que devam ser assimilados por eles.

Estar alfabetizada e ser capaz de compreender, escrever, e decodificar letras, para viver em sociedade, onde tudo que nos rodeia deve ser lido e compreendido.

A diversidade em a criança apreende e se alfabetiza não ocorre sozinho, pois nessa fase de desenvolvimento, a criança aprende muitas outras coisas, palavras novas, a ver o mundo de maneira diferentes.

O que para González (1997), e a alfabetização.:

Em poucas palavras, podemos considerar a alfabetização como único de um processo contínuo que se prolonga durante anos.[...] Evitando, na medida do possível, a tradicional fragmentação do conhecimento. (GONZÁLVIZ, 1997, p. 23).

A alfabetização será sempre de forma contínua o que favorece o aprendizado, de qualidade e significado. Sendo essa aprendizagem, necessária para o convívio e interação com a sociedade, o que para González e:

[...] a aprendizagem como ao desenvolvimento, esta ligada cada um dos campos de conhecimento necessário para viver, conviver, comunicar-se, compreender o mundo, criar e constituir-se em membro da sociedade. (GONZÁLVIZ, 1997, p. 23).

Essa aprendizagem ocorre para que cada um possa saber os seus direitos e deveres, havendo assim um elo de conhecimentos e aprendizagem contínua. Quando a criança está começando a observar o mundo de forma diferente, para Vygotsky esse é o momento do conceito denominado zona de desenvolvimento proximal. Algumas modalidades superprotetoras fazem com que alguma intervenção pedagógica seja desnecessária.

O convívio entre pessoas que lêem incentiva as crianças a fazerem o mesmo, pois para González (1997):

Na área da língua, este tipo de trabalho implica em colocar as crianças em contato permanente com pessoas que falam, lêem e escrevem, revelando uma competência linguística que, sem ser surpreendente, constitui um nível mais elaborado que o correspondente ao desenvolvimento atual do aluno (GONZALVEZ, 1997, p. 49).

Quanto maior for o seu incentivo para a leitura dada pelas pessoas que lêem, tornara uma aprendizagem rápida, e espontânea. Nas ruas, ocorre uma infinidade de propaganda que estimulam as crianças a lerem, na televisão enfim, em tudo que nos rodeiam, o que para González (1997):

Nos meios sociais alfabetizado, a aprendizagem da língua oral ocorre quase simultaneamente com a aquisição de uma diversidade de conhecimento sobre escrita. Isto faz parte de um processo de alfabetização quase natural. (GONZALVEZ, 1997, p. 67).

Isso ocorre de maneira rápida e simples, pois chamam atenção das crianças de maneira encantadoras. Em se tratando da ementa das escolas que devem ser levadas em conta faz uso dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Para os PCNs, a criança passa por estágios, conforme o grau que ela se encontra deverá aprender com incentivo do professor que:

Durante o primeiro estágio, previsto para durar em geral um ano, o professor deveria ensinar o sistema alfabético de escrita (a correspondência fonográfica e algumas convenções ortográficas de português) o que garantiria ao aluno a possibilidade de ler e escrever por si mesmo. (BRASIL, 1998, p. 33).

De acordo com a PCNs, o professor deve respeitar o estágio de maturação e seguir um sequência diária gradativa, durante o período de aprendizagem da leitura a professora deveria ensinar ao seu aluno de forma alfabética em ordem para que o seu aluno possa aprender de maneira mais rápida.

O conhecimento atualmente disponível recomenda uma previsão dessa metodologia e aponta para a necessidade de repensar sobre as teorias e práticas tão difundidas e estabelecidas, que para a maioria dos professores tendem a parecer às únicas possíveis. (BRASIL, 1998, p. 33).

As metodologias mais conhecidas no momento e uma revisão de tudo aquilo que a maioria dos profissionais conhece, mas que devem ser adequadas de acordo com sua turma a sua realidade multicultural. Os PCNs têm como objetivo possibilitar que o pedagogo possa “Conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e procedimento de classes, gêneros ou etnia” (BRASIL, 1998, p. 42). Os temas transversais do PCNs tratam da cultura dos alunos e o meio em que ele vive:

Os temas transversais (Ética, pluralidade, cultural, meio ambiente, saúde e orientação sexual), por tratarem de questões sociais, pertencem à dimensão do espaço público e, portanto necessitam de participação efetiva e responsável dos cidadãos na sua gestão, manutenção e transformação. (BRASIL, 1998, p. 46).

Tudo aquilo que envolve um tema social deve ser respeitados pela sociedade, pois através desse respeito mutuo ocorre a hibridização de novas culturas.

Os conteúdos dos temas transversais assim como práticas pedagógicas organizadas em função da sua aprendizagem, podem contextualizar significativamente a aprendizagem da língua, fazendo com que trabalhos revertam em produções de interesses do convívio escolar da comunidade. (BRASIL, 1998, p. 46-47).

Os conteúdos dos temas transversais devem partir do interesse e da comunidade escolar, diferenciando assim a cultura local da região:

Assim, o critério organização dos conteúdos de língua portuguesa em termos de USO → REFLEXÃO → USO, de certa forma define também o eixo didático a linha geral de tratamento dos conteúdos, caracteriza um movimento metodológico de AÇÃO → REFLEXÃO → AÇÃO, em que se pretende que progressivamente a reflexão se incorporou as atividades linguísticas do aluno de tal forma que ele tinha capacidade de monitorá-las com eficácia. (BRASIL, 1998, p. 48).

Ou seja, o aluno aprende ,pensa e age havendo assim um significado maior a ele e o sua cultura pois “meio em que ele esta inserido e conhece , suposições, tanto em relação à escrita, propriamente, quanto ao significado”. (BRASIL, 1998, p. 55-56). O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de praticas centradas na decodificação [...] é preciso que antecipem que façam interferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio e que possuem.

Quando a escola trabalha com a realidade do aluno na sua valorização cultural o aluno se sente motivado para uma aprendizagem de significados e valorização:

[...] o grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade intercultural, que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade [...] nesse sentido, a escola deve ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura respeitando as diferentes formas de expressão. (BRASIL, 1998, p. 32).

A partir do momento em que a escola valoriza a cultura local da sua comunidade estudantil, o preconceito deverá diminuir e o aluno irá participar mais das atividades escolares e terá maior reconhecimento pessoal e cultural e multicultural conhecendo-se assim mesmo para se valorizar e conhecer os demais.

A escola deverá ter uma atuação de respeito e de consciência com seus alunos e a sua comunidade local valorizando tudo que a envolva e a diferencie de maneira que seu aluno sinta orgulho de pertencimento:

[...] a proposta de transversalidade traz a necessidade de a escola, todas as áreas, garantindo que a perspectiva político-social se expresse no direcionamento do trabalho pedagógico, influencia na definição de objetivos educacionais e orienta eticamente as questões epistemológicas gerais, na área de seus conteúdos e mesmo as orientações didáticas. (BRASIL, 1998, p. 38).

De acordo com os PCNs, as pessoas não podem ser o motivo de inclusão, pois, “[...] as diferenças entre as pessoas derivadas de sexo, cultura, (etnia, valores, opiniões ou religiões). O respeito a todo ser humano, independentemente de sua origem social, etnia, religião, sexo, opinião e cultura”. (BRASIL, 1998, p.104).

As diferenças dessas culturas ou ideológicas, independentemente, das crenças devem ser respeitadas por todos.

3.5 MULTICULTURALIDADE: INTERFERÊNCIAS NO PROCESSO PEDAGÓGICO?

Na escola brasileira, na Fronteira, há muitas as crianças que vêm do país vizinho estudar, talvez por motivos financeiros ou por pensarem que a qualidade do ensino é melhor no Brasil. Tais crianças muitas vezes não têm os recursos necessários e buscam ajuda em nosso país, aqui recebem material didático, uniformes, lanche; tudo de forma gratuita. Geralmente eles vêm isso como uma vantagem e acabam por optar pelo Brasil ao invés de seu próprio país de origem.

Isso causa um conflito muito grande no pedagogo se ele não for preparado corretamente para enfrentar uma situação como aquela. Essas crianças que vem de fora falam outro idioma e acabam por ter dificuldade em aprender a ler ou escrever no idioma novo, pois antes da escrita eles necessitam aprender o próprio português para poderem ser alfabetizados. Os alunos estrangeiros que conseguem chegar às escolas brasileiras sofrem com a dificuldade na pronúncia também, pois se essa criança tenta ler no português, mas foi criado falando espanhol ele irá pronunciar palavras brasileiras em espanhol, pois é nesse idioma que ele se identifica.

Por isso o pedagogo precisa sempre conhecer a realidade da criança e estar apto a lidar com essa realidade. O meio em que a criança vive deve ser levado em consideração na hora de alfabetizá-la, pois o professor deve pensar em maneiras criativas e próprias para o ensino e aprendizado dessas crianças.

Em se tratando de multiculturalismo Machado (2002) afirma que toda

Multiculturalismo é visto como reconhecimento de que em um mesmo território existem diferentes culturas. Interculturalismo é uma maneira de intervenção entre culturas pluriculturalismo e outra maneira de intervenção que dá ênfase a manutenção da identidade de cada cultura. (MACHADO, 2002, p. 27).

Para cada cultura existem, formas maneiras deferentes que devem ser e respeitá-la, pois cada ser é único às culturas, e suas identidades devem ser valorizadas.

Cada indivíduo possui a cultura que esta dentro de mesmo o que as escolas devem respeitar e valorizar em seu aluno, de maneira que ele aprenda a gostar e aceitar a sua própria cultura, e aos poucos conhecer a do outro o que nem sempre é respeitada.

A partir do momento em que o aluno se sinta aceito pela comunidade escolar, conforme Machado (2002).

A educação, vista como processo de transformação social, preocupa-se com o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos, pais e comunidades em geral, para que sejam capazes de realizar uma leitura crítica da estrutura social em que estão inseridos. E por último, coloca-se a educação antirracista, que pode assim ser resumida. (MACHADO, 2002, p. 39).

O seja aquela cultura que não possui, nenhum preconceito racial mas uma aceitação, igualitária.

3.6 O PAPEL DO PEDAGOGO ALFABETIZADOR diante do e a multiculturalismo

O papel do pedagogo numa região que se recebe sempre de braços abertos o ano todo, exceto no dia de jogo de futebol, onde ambos os países se enfrentam “[...] cultura é a dinâmica de relacionamento que o indivíduo tem em relação a ele, com a sua realidade de onde vêm os conteúdos formados” (SANTOS, 2002, p. 17).

Outra questão importante é “[...] A experiência da diversidade cultural é a experiência da vivência democrática em seu modo mais radical. Quer dizer, a radicalidade desse período de experiência democrática é a radicalidade do conhecimento da diversidade cultural”. (SANTOS, 2002, p. 23).

Por isso o professor deve respeitar a individualidade e a riqueza cultural que cada aluno trás consigo, valorizando-os por suas diferenças e peculiaridades.

[...] aquela parte da cultura geral que abrange as formas culturais que estão historicamente construindo-se nos planos material e simbólico, mediante o exercício intencionado da motricidade humana _ jogo, esporte, ginástico e práticas de aptidão física, atividades rítmico-expressivas e dança lutas/artes marciais e práticas alternativas (DARIDO e MAITINO, 2004, p. 24).

Tudo que vemos e nos rodeia faz parte de nossa cultura, nós temos a sorte de ter nascido em uma fronteira tão rica multicultural mente, e por isso devemos conhecê-la e aproveitá-la ao máximo.

Os programas escolares, e, portanto, os professores e professoras que rejeitam ou não concedem reconhecimento à cultura popular e, mais concretamente, às formas culturais da infância e da juventude (cinema, *rock and. rol, rap*, quadrinhos, etc.) como veículo de comunicação de suas visões de realidade e, portanto, como algo significativo para o alunado está perdendo uma oportunidade maravilhosa de aproveitar os conteúdos

culturais e os interesses que essas pessoas possuem como base da qual partir para o trabalho cotidiano nas salas de aula. (SILVA, 2003, p. 165).

Às vezes pode ocorrer a falta de aproveitamento de músicas ou atividades de que os alunos gostem, que podem ser modificados e aperfeiçoados para a sala de aula. Fazendo com que os alunos se sintam valorizados culturalmente

4.PEDAGOGO/ A E CRIANÇAS MULTICULTURAIS DE REGIÃO DE FRONTEIRA

Na quarta seção expomos a pesquisa de Campo, iniciamos a sessão com uma descrição da fronteira, da cidade de Ponta Porã e também sobre a escola, escola da rede privada de ensino, com 140 alunos do maternal ao 5º ano do ensino fundamental, com um estudo de caso na Escola Nova Época, no 2º ano, onde realizamos observações com um roteiro pré-estabelecido, depois conversamos com 05 alunos e entrevistamos 05 professores, e, finalmente, as interpretações e compreensão dos dados construídos.

As pesquisas para esse TCC foi com uma abordagem qualitativa, utilizando uma atitude interdisciplinar. Iniciamos com um conhecimento adquirido e descrito no segundo semestre, sobre a instituição da história da fronteira sul-mato-grossense, que evidencia o projeto desses estudos, por ser uma história de formação, de um povo multicultural.

A história de Ponta Porã começa com os demarcadores nacionais entre (1872/1874). Pois, essa região chamada ponta bonita, era um ponto de referência para os demarcadores ficarem em suas passagens ou “paragem” de Carretas Ervateiras. Ou possivelmente, arrias, desses demarcadores que deliberavam desbravar e abrir uma passagem melhor, e mais ampla. Isso permitiu o trânsito entre Ponta Porã e Concepción, através da Cordilheira, unindo Punta Porã à Chiriguélo.

Assim, então começa a surgir um trânsito maior. Fazendo surgir um casario, ponto de apoio entre os viajantes que ali descansavam próximos a lagoa. E assim, foi surgindo Punta Porã, nas bordas da Laguna, em terras paraguaias, no final do século XVIII.

Ponta Porã, e Pedro Juan Caballero cresceram juntas, viveram juntas, e separá-las acredita-se que será – se não impossível – matá-las. “Esta fronteira sempre, foi “um País Unido”, muito amigo do Brasil e do Paraguai e com os quais vivem fraternalmente” (FREIRE, 1999, p. 182 – 184).

O primeiro intendente do município de Ponta Porã, foi o Sr. Ponciano de Matos Pereira. Consta que os nascidos na cidade, ou em seu município, são chamados pelo adjetivo gentílico de pontaporanenses.

Ponta Porã está localizada na microrregião de Dourados, sua área territorial é de 5.359,30 km.

Dados históricos de Freire (1999) aponta segundo informações do historiador Hélio Viana, a história de Ponta Porã esta ligada a histórias das fronteiras do Brasil. Pois “[...] o que separa as duas fronteiras: a do Brasil e a do Paraguai, sua extensão é de apenas 1.339 km”.

Dessa maneira, “[...] então começa a surgir um trânsito maior uns pontos de apoio e começa a surgir um casario, estava nascendo Ponta Porã, nas bordas da “laguna”, em terras paraguaias no final do século XVIII”. (FREIRE, 1999, p. 103).

Pois esse espaço entre os dois países era muito próximo, permitindo que viajantes de vários lugares do país, e de outros países chegassem à fronteira, trazendo culturas diversas. Freire (1999) contribui para que possamos compreender com ocorreu a demarcação da região fronteira atual, segundo ele a área

[...] geográfica da atual fronteira do Brasil com o Paraguai, [...] de acordo com a obra intitulada “Limites do Brasil”, dos senhores J. S. Fonseca Hermes e Murilo Miranda Basto: [pode ser entendida como uma linha ou uma faixa de terra] que separa as duas primeiras cidades e as outras povoações foi recentemente estabelecido nos termos do acordo firmado na cidade de Assunção do Paraguai, em 20 de junho de 1940, pelos primeiros Comissários demarcadores dos dois países, o qual mantém o status que existente, isto é, o limite respeitado pelas populações dessas localidades. (FREIRE, 1999, p. 101).

Apesar dessa linha, ou faixa de terra limite respeitado pelas populações demarcando o Brasil e o Paraguai, a separação das cidades, não conseguiram separar o fluxo cultural que hoje constituem a fronteira cultural hibridizada, misturada, multifacetada, que originou outras culturas aqui apresentada nesse trabalho.

A “História de Ponta Porã”, Princesinha dos Ervais, município fronteiro entre o Brasil e o Paraguai, surgiu dentre os campos de erva mate. Em 1901, que a primeira escola de Ponta Porã, foi fundada, tendo como professor o senhor Júlio Alfredo Mangini.

O município fronteiro instituiu por história, muito interessante, pois Ponta Porã, teve seus poucos meses de prestígio nacional, na época de Getúlio Vargas, essas terras consistiram no

[...] antigo território federal, localizada na região sudeste, fazendo fronteira com o Paraguai, representado pela cidade de Pedro Juan Caballero ao lado de Ponta Porã. A fundação da Princesinha dos Ervais, como é conhecida, se iniciou há quase um século, por migrantes gaúchos, paranaenses, paulistas, nordestinos, paraguaios, entre outros.” (FOLDER, 1998, p. 01 - 02)³.

³ “Prefeitura Municipal de Ponta Porã Participação de Crescimento” publicado no 86º aniversário da cidade)

Essa escrita no Folder (1998) explica a questão da multiculturalidade na fronteira, e as preocupações desse estudo de TCC sobre a alfabetização. Pois, devido essa migração fundou-se a princesinha dos ervais, com uma diversidade de cultura étnica, e nacional muito rica.

4.1 EDUCAÇÃO NA FRONTEIRA: escolas antigas

Para conhecer a história da Educação e o papel do pedagogo da Região de Fronteira é necessário conhecer a educação fronteiriça. Segundo dados obtidos na entrevista oral para a pesquisa de campo, realizada na Secretaria Municipal de Educação, com a Professora Antônia Icasatti da Silva, inspetora escolar. “As primeiras escolas do município, foram construídas quase ao mesmo tempo, e a Escola Municipal Anselmo Soares de França, que se situa no bairro da granja, foi criado conforme o decreto nº 1586, 18 de maio de 1971”.

Já a Escola Municipal Prefeito Adê Marques foi criada no decreto nº 1554, no dia 1º de agosto de 1971, na Vila Áurea. E a Escola Municipal Professora Madalena Mavailer, criada pelo decreto nº 1553, no dia 1º de agosto de 1971, as três escolas municipais continuam em funcionamento até hoje.

E na rede estadual, o primeiro colégio foi o Colégio Estadual Mendes Gonçalves E.F.M.P., hoje com 97 anos de idade (construída em 1912) de acordo com o senhor Carlos Ângelo, a escola foi chamada primeiramente de Escola Afonso Camargo em honra ao vice-presidente do estado do Paraná de 1912 a 1916, também hoje em pleno andamento oferece o ensino fundamental, médio e profissionalizante.

4.2 Escola

A Escola de Recreação e Ensino Fundamental Nova Época, onde realizamos a pesquisa, foi criada em 10 de outubro de 1999. Após a sua criação, buscou-se elaborar uma proposta voltada para formação de homem com base sólida e conhecimento crítico e participativo, na conquista de sua autonomia para exercício consciente da cidadania.(PPP, 2011).

A escola se localiza na linha de fronteira, a menos de 200 metros entre Brasil e Paraguai. Por isso, ela atende uma clientela diversificada e que apresenta uma

multiculturalidade cultural interessante, não só como pessoas diferentes, mas por serem de origem e nacionalidades diferentes. Ou descendentes de povos de nacionalidades diferentes. Consta na proposta política pedagógica (2011) que a escola procura oferecer novas oportunidades educacionais que levam em conta o respeito ao processo natural de desenvolvimento infantil, assim como garantir uma base sólida de conhecimento.

Após a sua criação, os professores e sua equipe administrativa voltaram seus pensamentos pedagógicos para uma formação de homem e mulheres com base sólida no conhecimento crítico e participativo; e que proporcione a conquista da autonomia sempre para o exercício consciente da cidadania.(PPP, 2011).

A proposta política pedagógica (2011) baseia-se em primeiro lugar na concepção de homem livre, atuante, responsável pelo seu fazer cabendo à escola as devidas orientações na condução desse processo. Para tanto, o ensino deve propiciar “ o desenvolvimento global e harmônico do educando de acordo com suas necessidades físicas e psicológicas objetivadas em si mesmas, próprias à faixa etária e adequadas às necessidades do meio físico, social e econômico e cultural” (PPP, 2011, p. 15).

A Escola Nova Epoca tem procurado oportunizar o acesso de educandos com muitas diferenças culturais e linguísticas (descendentes de paraguaios, libaneses, turcos, japoneses dentre outros orientais), também há alunos com Necessidades Educacionais Especiais, por meio da inclusão em sala regular. E assim ela tem tentado garantir o acesso à educação escolar regular como garante a lei e o desenvolvimento de suas potencialidades. Por isso, o corpo docente tem flexibilizando e adaptando o currículo, a metodologia de ensino, oferecendo recursos didáticos diferenciados e processo de avaliação adequado ao desenvolvimento desses educando.

O educando na escola nova época conforme o PPP (2011) nunca deve ser impossibilitado de frequentar as aulas na Unidade escolar; e se for da educação especial sempre terá atendimento educacional especializado em ambiente domiciliar e ambiente hospitalar.

Consta que a escola dará prioridade as ações educativas com a família e a comunidade, por serão estas de suma importância para o aprendizado das crianças. Assim a escola poderá estar em constante contato com as mesmas, fazendo um triângulo de responsabilidades e ajuda entre a criança, escola e família. Esta articulação será realizada através de encontros, reuniões e palestras onde estas deverão ser agendadas pela direção e registradas através de ata,

onde estarão sendo tratados assuntos que visam ajudar a família no desenvolvimento de cada educando.(PPP, 2011, p. 18).

As reuniões serão realizadas de maneira contínua, sistemática e integral ao longo de todo o processo de ensino aprendizagem, preponderando os aspectos qualitativos sobre os quantitativos, nos domínios cognitivos, afetivo e psicomotor, que acumula ao longo de todo período letivo. Por meio da observação sistemática e constante do educando, os professores e seus auxiliares poderão considerar além do conhecimento, a atenção o interesse, o senso de responsabilidade, a aplicação do estudo pontualidade, assiduidade, cumprimento das tarefas e organização dos trabalhos escolares. (PPP, 2011).

Consta também no PP (2011) que a correção dos trabalhos de pesquisa, relatórios e testes, o professor deve ter a preocupação com as questões culturais e limites dos alunos. Nos objetivos Gerais para com o Ensino Fundamental, há uma referência que expressa ser importante a contribuição específica dos diferentes âmbitos dos saberes presentes na cultura. De acordo com os PCNs do Ensino Fundamental as escolas devem ser formular seus de modo a respeitar a diversidade social e cultural; para que possa contemplar as especificidades locais, valorizando a originalidade social e cultural dos alunos.

Cabe a escola então priorizar o conhecimento e valorização

da pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (PPP, 2011, p. 21).

Assim os alunos poderão perceber-se como sujeitos integrantes, dependentes e agentes transformadores da vida social e cultural. Além disso eles poderão ainda identificar os elementos culturais e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente e da vida em sociedade.

A escola ainda de acordo com o PPP (2011) deve proporcionar os seus alunos

Conhecer a diversidade do patrimônio etnocultural brasileiro, cultivando atitude de respeito para com pessoas e grupos que a compõem, reconhecendo a diversidade cultural como direito dos povos e dos indivíduos e elemento de fortalecimento da democracia;

Compreender a memória como construção conjunta, elaborada como tarefa de cada um e de todos, que contribui para a percepção do campo de possibilidades individuais, coletivas, comunitárias e nacionais;

Valorizar as diversas culturas presentes na constituição do Brasil como nação, reconhecendo sua contribuição no processo de constituição da identidade brasileira;

Reconhecer as qualidades da própria cultura, valorando-as criticamente, enriquecendo a vivência da cidadania;

Pois assim os alunos, com apoio pedagógico dos professores, se tornaram sujeitos interculturais.

Outra maneira, de trabalhar com a diversidade em prol da interculturalidade são os temas transversais, que deverão ser abordados nesta escola como eixos integrados nas áreas de conhecimento do Ensino Fundamental, por meio de projetos de ensino e atividades artístico-culturais.

3.6 Observações para a pesquisa

Foram realizadas nove observações em datas alternadas de fevereiro a outubro de 2012. Sendo que no:

Dia 23/02

Na sala de aula, durante a alfabetização, as crianças de uma forma única e homogênea onde todos devem aprender e compreender a língua portuguesa.

Em se tratando de diferenças culturais existem sim na sala de aula, e são respeitadas por todos e pela professora, os alunos são valorizados pela sua cultura materna, onde não há nenhum tipo de preconceito presente em nenhum momento.

Mas devem aprender a leitura e a escrita na língua portuguesa e sem erros ortográficos.

Dia 15/03

Essa observação foi feita durante o recreio das crianças, é um momento único, mágico, onde não existe nenhuma diferença entre eles, pois quando brincam, não há diferenças culturais ou étnicas, são tratados igualmente por todos. As brincadeiras e o corre-corre da garotada é totalmente inocente, mostrando para todos; a falta de preconceito e o amor ao próximo, ao amigo.

Essas diferenças, enquanto adultos, vai sendo perceptível, o que não ocorre entre os menores, que aproxima uma criança à outra, valorizando a amizade.

Dia 17/03 – Reunião Pedagógica.

Nessa reunião foram tratados de vários assuntos referentes ao andamento da escola, tais como a limpeza, o hino nacional e o papel do professor enquanto mediador de aprendizagem.

Houve um estudo da PPP (Projeto Político Pedagógico) da Escola, onde cada professor expôs a sua ideia para melhorar a escola e integração da Educação Infantil e da Educação Fundamental.

Foi falado da importância que o professor tem na vida cognitiva do aluno, e das palavras de encorajamento, faz com que os alunos aprendam mais e melhor.

Dia 15/09

No dia quinze de setembro foi comemorado o 1º dia da família da escola, essa comemoração foi feita no Itapema Iate clube. Sendo uma manhã muito agradável teve início com um café da manhã, brindes, jogos e brincadeiras com os pais e os alunos da instituição.

O dia da família foi comemorado para unir a escola e a família, este ano duas crianças perderam os seus entes queridos de uma forma dramática, por isso a escola não comemorou o dia das mães e nem o dia dos pais, unindo assim as datas para o dia da família.

Foi um encontro muito bonito e simples, onde a família pode brincar e se divertir com seu filho. No final da manhã cada família recebeu uma linda lembrança de recordação.

Dia 20/09

Aos dias vinte de setembro de dois mil de doze, a acadêmica esteve presente na sala de aula do segundo ano, onde pode observar o desenvolvimento das crianças.

Em relação à alfabetização multicultural percebe-se que as crianças são alfabetizadas de forma igualitária, onde se ensina o conteúdo da mesma forma, com a mesma metodologia a todos.

As crianças estão concluindo as suas avaliações do terceiro bimestre e estão preocupadas por serem avaliadas. A professora da sala conversa com todos, faz uma oração antes de dar início à avaliação. No final das provas, as crianças saem ao pátio para se divertirem.

Dia 05/06

Nesse dia a turma do 2º ano assistiu a um filme chamado Lorax, que retrata uma realidade não muito distante, onde o ser humano por consequência de sua ambição destrói a natureza, derrubando todas as árvores. As pessoas então ameaçam a pagar pelo ar que respiram tudo é artificial (de plástico), a grama, a árvore, as plantas, um menino depois, de

enfrentar vilões, conseguem plantar uma semente, onde nasce e cresce uma árvore e o ciclo da vida recomeça.

A professora fixa a importância de viver em comunidade, cuidar da natureza, onde cada um faz sua parte, visando o bem estar do outro.

Dia 06/08

A professora passa atividade de matemática na lousa, contas de adição com unidades e dezenas, primeiramente os alunos resolvem em seus cadernos, individualmente a professora pede que os alunos que respondam na lousa, ajudando quando julgar necessário, sanando assim, possíveis dúvidas dos alunos.

Dia 30/10 – Semana da Criança.

Dia de muita chuva, e a escola possui poucas opções para as crianças brincarem no intervalo com dias assim. O lanche é degustado na sala de aula onde, após as crianças brincaram de passa anel, morto-vivo e boca de forno. Eles se divertiram muito com as brincadeiras dadas pela professora, existe uma interação muito grande entre ela e os alunos.

Dia 05/10 – Lanche Coletivo

Como foi estipulado anteriormente pela escola o Ens. Fundamental (1º à 5º ano) trouxe salgados, doces ou refrigerantes para compartilharem uns com os outros. Antes do momento do lanche, as crianças brincam algumas de pular corda, pular elástico, pega-pega, enfim e um momento muito divertido e de muita gritaria.

O lanche é servido após o momento de oração e agradecimento a Deus.

4.4 Perfil entrevistados da pesquisa/alunos

Foram cinco alunos com quem conversamos de maneira informal. Eles assim se identificaram:

A-O aluno e do sexo masculino, nascido em 2004, brasileiro;

B-O aluno e do sexo feminino, nascido em 2004, brasileiro;

C-O aluno e do sexo masculino nascido no ano de 2005, brasileiro;

D-O aluno e do sexo feminino nascido no ano de 2005, brasiguaiio;

E-O aluno e do sexo masculino, nascido no ano de 2005, brasileiro.

Quanto a origem de nascimento dos pais, três alunos responderam que suas mães teriam nascido em Ponta Porã- MS, outra na cidade de Horqueta no Paraguai e a outra na cidade de Coronel Sapucaia no Brasil. Em se tratando de responder a questão sobre o idioma que fala em casa, dois alunos responderam falar em português, um em espanhol, e dois em guarani.

Quando se questionou sobre o idioma que eles mais falam quando se está doente em casa, três alunos responderam que falam em português e dois em espanhol.

Podemos perceber que quatro dos alunos responderam ser de origem brasileira, e um de origem brasiguai, mostrando assim sua mistura cultural entre a cultura paraguaia e brasileira. Nessa breve conversa com essas cinco crianças ficou evidente que as identidades são híbridas e multiculturais.

Eles ainda apresentam ao se perguntar o local do seu nascimento, três deles dizendo que nasceram na cidade de Ponta Porã, e dois na cidade vizinha, de Pedro Juan Caballero no Paraguai. Quanto à residência, três alunos responderam que moram em Ponta Porã e dois em cidade de Pedro Juan Caballero, o que demonstram a presença de elementos culturais de pais vizinho na cultura dessas crianças e que de certa maneira ao conviver do lado brasileiro nos espaços escolares com certeza levará e trará marcas para sua identidade e para seus coleguinhas.

4.5 Perfil entrevistados da pesquisa/ professores

Foram entrevistadas cinco professoras. Ao perguntar sobre a formação acadêmica ? Há quanto tempo atua na área?

- A- Esta cursando a faculdade de pedagogia interativa esta na profissão há aproximadamente um ano e meio ainda;
- B- Esta estudando o curso de pedagogia licenciatura, e esta na profissão há três anos;
- C- Formada em teologia quarenta anos tem o mesmo tempo de magistério como professo universitário;
- D- Formada em Letras, esta dando aulas de espanhol há cinco anos;
- E- Formada em pedagogia há dez anos, possui o mesmo tempo de trabalho na área-

Através desse perfil podemos perceber que questionamento apenas duas professoras ainda estão cursando, sendo uma formada em letras, uma em teologia e somente uma em pedagogia. O que com certeza tem dificultado os trabalhos quanto “a atitude do pedagogo para alfabetizar crianças multiculturais da região de fronteira”.

Sobre “o que se entende sobre multiculturalismo” as resposta foram as seguintes:

- A- É a mistura de várias culturas juntas, de várias raças e cores;
- B- Seria a misturas de culturas de varias regiões;
- C- Para a cultura não existem fronteiras, por isso ela não se define somente a uma única coisa;
- D- O multiculturalismo são as misturas de diferentes culturas misturadas;
- E- Mais de uma única cultura.

No entendimento das professoras elas compreendem o sentido e o significado do que seja multiculturalismo. Supõem - se dessa maneira, que na teoria todos sabem o significado da multiculturalidade, mas fica a dúvida será que na prática essas culturas são respeitadas e ou trabalhadas por todas. Porem esse entendimento já é um passo importante para “a atitude do pedagogo para alfabetizar crianças multiculturais da região de fronteira”.

Ao perguntar as professoras se elas “Já leu sobre esse assunto multiculturalidade, Quando, Onde, E por quê” elas responderam “saber e que a origem do seu conhecimento sobre assunto, foi na faculdade, na vida acadêmica” todas foram unânimes na resposta. Mas que nos deixa sem saber se realmente isso ocorreu uma vez que a formação ainda esta acontecendo e outras duas têm formação diferente a de pedagoga.

Ao perguntar “se elas se sentem preparadas para receberem crianças com diferentes identidades culturais (japoneses, coreanos, paraguaios, libaneses, índios, negros, crentes, evangélicos, protestantes, mulçumanos e outros)?” A resposta de todas as professoras foi que sim, estão preparadas para receberem alunos de identidades diferentes, pois e a realidade da escola por ela estar numa região fronteira já exige isso, porque os dois países estão muito próximos. Isso demonstra consciência de que é preciso estar preparadas para “a atitude do pedagogo para alfabetizar crianças multiculturais da região de fronteira”.

Sobre a influencia de um a criança de cultura e etnia diferente, numa sala de aula com criança etnicamente homogênea as respostas foram:

Duas das professoras disseram que essa influencia irá acontecer sim e que elas irão desenvolver nas crianças um respeito e um ganho muito grande sobre a diversidade.

Uma outra entrevistada respondeu que as etnias diferentes, despertará nas outras crianças, o interesse em conhecer algo novo, sobre o outro, de maneira positiva e construtiva.

Já duas professoras responderam que tudo irá depender além dos professores, também dos pais das crianças, dos responsáveis deles ou não. No início pode ser algo novo, talvez ocorra certo receio, mas com o tempo, e com muita conversa tudo deverá transcorrer na normalidade de uma fronteira, pois é comum, sem pré conceito.

Ao perguntar as professoras sobre “qual o método utilizado para alfabetizar as crianças com diferenças culturais numa sala de aula iguais”. Todas responderam que essa alfabetização irá ser realizada da maneira tradicional na língua portuguesa. Isso nos deixa um pouca preocupada, pois elas dessa maneira talvez tenham dificuldades na atitude de pedagogo para alfabetizar crianças multiculturais da região de fronteira.

Percebe-se que, no entanto quando todas se dizem conhecer e respeitar a cultura e a identidade do seu aluno, na prática ele é alfabetizado de maneira igualitária. E, talvez por falta realmente de interesse ou de formação a professoras por facilidade em fazer seu trabalho de alfabetizadora acaba por fazer tudo de maneira tradicional. O que não possibilitará uma atitude interdisciplinar, multicultural e tampouco intercultural.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa respondeu a pergunta deste TCC “*como deve ser atitude do pedagogo para alfabetizar crianças multiculturais da região de fronteira?*”, pois nos mostrou que a atitude deve ser interdisciplinar, multicultural e intercultural.

Sobre o objetivo geral que era descrever como deve ser a atitude do pedagogo para alfabetizar crianças multiculturais na região de fronteira, acredito que por meio da fundamentação teórica dos métodos de alfabetização e das reflexões com autores como Machado, Candau e Josgrilbert, por exemplo, conseguimos descrever que os métodos podem ser tradicionais ou não, mas o que realmente fará a diferença será a atitude do professor/pedagogo. Pois se ele na hora da leitura e escrita não possibilitar o diálogo entre as diferenças culturais e cognitivas e da linguagem não será possível a interculturalidade. E, ainda pode possibilitar aos leitores uma reflexão sobre as questões levantadas pela pesquisa sobre a multiculturalidade, mostrando que o mundo se tornará cada vez mais multicultural, assim podemos afirmar que somos um exemplo vivo de uma mistura que veio de gerações, e isso a torna maravilhosa.

A alfabetização da criança começa quando ela lê as palavras escritas de maneira diferente ou não, e para que ela possa compreender a leitura, o pedagogo deve possibilitar que também o convívio com outras palavras. Assim o alfabetizante começará a escrever palavras usando as letras que já conhece e que estão em seus nomes, usando como base para o início de palavras novas, dando a elas novos significados, que acham estarem corretas, mesmo quando mistura fonemas, e línguas como português, guarani, espanhol, libanês, turco, japonês e ou outras línguas.

Essa mistura entre a linguagem materna que foi ensinada pelos familiares possui um valor muito grande, para ela, na qual o esquecimento e a correção em sala se torna um tanto difícil, mas essa deve ser respeitada pelo professor, concomitantemente, com a linguagem escolar das crianças, para que ele/a seja um educador multicultural, assim valorizando a cultura em que a criança vive.

Os alunos que vão as escolas possuem várias etnias, são de várias culturas diferentes, muitas vezes não receberam a mesma forma de alfabetização, em casa, e quando chegam à escola são vistos e tratados como sujeitos iguais, sem o respeito às individualidades. Ele

aprenderá como os demais, mas também possuirá as mesmas dúvidas, ou não, por isso que o pedagogo deve considerar o tempo de aprendizagem diferenciado de cada um.

A cultura brasileira é uma das mais ricas do mundo, pois somos um povo hospitaleiro, alegre e com um coração generoso. Além de morarmos em um clima tropical onde sabores e cores nos rodeiam o ano todo, somos multiculturais, por consequência. Carregamos no sangue, na raça, uma linda mistura latina, assim “a cultura diz respeito à humanidade como num todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos e nações, sociedade e grupos humanos” (SANTOS, 2008, p. 08), por isso, que a cultura não é a mesma, mas com a mistura de todos e também com a individualidade de cada um, poderemos viver melhor.

REFERENCIAS

BARRETO, Rosangela. (Org). Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais. Volume 4. 3ª Ed. Brasília, A Secretária. 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação. Parâmetro Curriculares Nacionais .introdução aos parâmetros curriculares nacionais.Brasília,MEC\SEF,1998

BRASIL.Secretaria de Educação. Parâmetro Curriculares Nacionais Apresentação dos temas transversais, ética\Secretaria da Educação.Brasília,MEC\SEF,1997

CANDAU Vera Maria: Magistério: Construção cotidiana Petrópolis.J,vozes,1997

CUBERES, Maria Teresa Gonzáles: Educação infantil e series iniciais. Articulação para alfabetização. Alegre. Artes Medicas,1997Pimenta,Selma Garrido. Estagio e decência -Maria Socorro Lucena Lima São Paulo.Coryez,2004

FAZENDA Catarina Práticas interdisciplinares na escola 4 ed São Paulo Cortez, 1997

FAZENDA Catarina Praticas interdisciplinares na escola- Ivani 4 ed São P aulo,Cortez,1997

FAZENDA Catarina: Didáticas e interdisciplinaridades São Paulo 1998

FERREIRO ,Emília: ,Psicogênese da língua escrita e Ana Teberoski-Porto Alegre, Artes Medicas,1885.

FERREIRO,Emilia-Alfabeização em processo São Paulo,Cortez,1987

HALL,Sturd.A identidade na pós- modernidade.11.ed.Rio de Janeiro,DPEA,2006.

IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender Arte: Sala de aula e formação de Professor. Porto A: Artmed. 2003

JOSGRILBERT Maria de Fátima Viegas Dicionário interdisciplinar 2002

KLEIN Ligia Regina - Alfabetização. quem tem medo de ensinar- -São Paulo, Campo Grande,MS,1996

LUCKE, Menga. ANDRE, Marli .Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU,1996.

LUFT, Celso Pedro. Minidicionários. São Paulo: Ática 2008

MACHADO, Cristina Gomes. Multiculturalismo: muito além da riqueza e da diferença. Rio de Janeiro: Dp&A, 2002

PILETTI, Nelson. Sociologia da Educação. 11ª Ed. São Paulo: Ática, 1991.

PIMENTA, Selma Garrido; **LIMA**, Maria Socorro Lucena. Coleção docência em formação serie saberes pedagógicos. São Paulo: Cortez, 2004.

RIBEIRO, A.M. Curso de formação profissional em Educação Infantil. São Paulo: 2005

SANTOS, Jose Luís. O que e cultura. São Paulo: Brasiliense, 2008. (coleção primeiros passos).

SILVA, Tomaz Tadeu. Alienígenas na sala de aulas. Petrópolis: Vozes,1995.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2007

TRINDADE, Azoilda L. de; **SANTOS**, Rafael dos. Multiculturalismo: Mil e uma Faces. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP, 2002.

WEISZ Telma. Revista de quem educa. Nova Escola, 10/2010. Disponível em

<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/telma-weisz-alfabetizar-contexto-cultura-escrita-680845.shtml>

APENDICES

Questionamento para os alunos

1. Nome do aluno:
2. Data de nascimento:
3. Sexo: Masculino () Feminino ()
4. Qual a sua origem: Brasileiro () Paraguaio () Brasiguaio () Indígena () Outro ()_Especifique:_____
5. Onde você nasceu
6. Onde você mora?
7. Onde o seu pai nasceu
8. Onde a sua mãe nasceu?
9. Em que idioma você aprendeu a falar: Espanhol () português () Guarani () Outros ()
10. Quando mamãe ou papai ou quem cuida de você está bravo, em que língua ele(a) fala com você ? Espanhol () português () Guarani () Outros ()

Questionário para os professores

1. Qual sua formação acadêmica? Há quanto tempo atua na área?
2. O que você entende sobre multiculturalismo?
3. Já leu sobre esse assunto? Quando? Onde? E por quê?
4. Se sente preparada para receber crianças com diferentes identidades culturais (japoneses, coreanos, paraguaios, libaneses, índios, negros, crentes evangélicos, protestantes, mulçumanos e outros ?
5. Qual a influência de uma criança cultura e etnia diferente numa sala de com crianças etnicamente homogêneas?
6. Qual método utilizado para alfabetizar as crianças com diferenças culturais numa sala de crianças “iguais”?